

Em sua 20ª Edição (segunda reimpressão) é leitura indispensável para quem está se preparando para o matrimônio.



Disponível na
Livraria MFC

MFC
Movimento Familiar Cristão

fato
e razão
74

17° ENA - VILA VELHA/ES



**O Grande Abraço
na Mãe Natureza**



Recado aos Leitores

Por ocasião do 17º Encontro Nacional do Movimento Familiar Cristão realizado no Espírito Santo no último mês de julho, com a participação de mais de 400 membros de todo o Brasil, aproveitamos a oportunidade para realizar uma pesquisa de opinião sobre nossa revista.

No questionamento sobre a prioridade ideal para escolha de nossos temas a pesquisa indicou a seguinte ordem de preferência: Relacionamento do casal; Relacionamento pais e filhos; Educação; Assuntos econômicos e sociais; Religião; Política e Generalidades.

Na análise dos resultados um dos membros do nosso Conselho Editorial, destacou que não podia se perder de vista a interação de que se revestem muitos temas, pois, obviamente uma pessoa com insatisfatória formação educacional e espiritual certamente encontrará dificuldades em seus relacionamentos, o mesmo ocorrendo com relação à complementaridade de outros temas.

Na inquirição sobre o que mais agrada e o que pode ser melhorado na revista encontramos diversas pistas para o direcionamento do nosso trabalho, destacando-se a diversidade e a atualidade dos assuntos que abordamos.

Mas foi da parte de nosso querido Padre Arnaldo que recebemos o maior incentivo ao considerar a revista como "ousada e provocante, fiel à Igreja conciliar e respeitosa com a hierarquia, sem clericalismo e subserviência".

Fiéis e dedicados à nossa missão estaremos atentos às sinalizações de nossos leitores para tornar a revista cada vez melhor.

Os Editores.

Outubro
2010

fato⁷⁴ e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Alivanir e José Freitas
Ismari e Eduardo Lange Filho
Maria Aparecida e Moisés Teixeira de Oliveira
Maria de Fátima e James Magalhães de Medeiros
Marluce e Reinaldo José Teixeira Golçalves

Editoria e Redação

Arlete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Selma e Hélio Amorim
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Rua Barão de Santa Helena, 68
36020-520 Juiz de Fora-MG
E-mail: fatoeracao@gmail.com

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas
Livreria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefax: (32)3218-4239
E-mail: livreria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão

DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Arte e diagramação

Anderson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

Manifesto de Vila Velha.....	5
A Amazônia e a internacionalização do mundo.....	8
<i>Cristovam Buarque</i>	
A Igreja e as mídias sociais.....	10
<i>Padre J. B. Libanio</i>	
A lâmpada votiva.....	12
As crises do casal.....	13
<i>Deonira L. Viganó</i>	
Dados sobre a situação ambiental.....	16
<i>Washington Novaes</i>	
Dentro de um labirinto.....	20
<i>Déa Januzzi</i>	
Deus e a Natureza.....	23
<i>José Comblin</i>	
Envelhecer ou Amadurecer.....	28
Liberdade, a virtude dos filhos de Deus.....	31
<i>Carmen Sílvia Machado</i>	
Nossos bispos estão insistindo no retorno às fontes de missão.....	32
<i>Itamar D. Bonfatti</i>	
O sexto sentido.....	36
<i>Rubem Alves</i>	
Onde Estava Deus?.....	38
<i>Antônio Mesquita Galvão</i>	
Onde fica o céu?.....	40
<i>Jorge Leão</i>	
Passagens.....	45
<i>Dulce Critelli</i>	
Por que existe o mal?.....	47
<i>Antônio Mesquita Galvão</i>	
Rezemos por Susan Bolton.....	50
<i>Maria Clara Lucchetti Bingemer</i>	
Superar as crises.....	52
<i>Geni Fiorezze Dariva</i>	
Tempo de presente.....	56
<i>Rosely Sayão</i>	
A família de José e Maria.....	58
<i>Helio e Selma Amorim</i>	
Programa de Formação Condir Sudeste MÓDULO Nº. 15.....	60
Tania e Tiquinho	
Programa de Formação Condir Sudeste MÓDULO Nº. 16.....	63
Tania e Tiquinho	

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família – INFA oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC
Telefax: (32) 3218-4239 - e-mail: livraria.mfc@gmail.com

DVDs já disponíveis:



DVD 1

- “Drogas: dependência e recuperação”
- “Drogas: mitos e preconceitos”
- “Violência na família”
- “Família na escola”
- “Diálogo & diálogo”
- “Violência e insegurança”
- “Separações e divórcio”



DVD - 2

- “Drogas desafio para o educador”
- “Drogas: da negação à onipotência”
- “Criança agressivas”
- “Aprendizagem bloqueada”
- “Cuidar da voz”
- “Motricidade oral”
- “A família moderna”
- “Sexualidade”



DVD - 3

- “Violência urbana”
- “Insegurança e medo”
- “Idade e maturidade”
- “Ética – princípios que regem as relações humanas.”
- “Ética na política”
- “Auto-estima sem narcisismo”
- “Casamento rompido”
- “Relacionamento conjugal e familiar”
- “Identidade e auto-realização”

Manifesto de Vila Velha

“Famílias promotoras da justiça e da integridade da criação”

Aos membros do Movimento Familiar Cristão (MFC)

Aos Cristãos das Igrejas em Movimento Ecumênico,

Ao povo de Deus que se move também pela espiritualidade da Criação,
Aos poderes públicos para que forjem soluções de erradicação da pobreza, correlacionando justiça social, economia e meio ambiente.

Cercados pela amorosidade do MFC do Estado do Espírito Santo, somos quinhentos e quatro participantes do 17º Encontro Nacional, realizado de 18 a 23 deste julho. O tema que nos congrega se formula assim: “Famílias promotoras da justiça e da integridade da criação”.

Na sexta-feira pela manhã, do dia 23, reunidos na Foz do Rio Jucu, recolhemos lixos e plantamos árvores. Esse gesto simbólico delineou, de maneira luminosa, os caminhos a trilhar. Ao final deste encontro reafirmamos certas referências básicas; desejamos que novos caminhos concretizem passos de mudanças; comprometemo-nos a levar adiante um amor em família que frutifique em um outro estilo de vida possível. Por isso,

REAFIRMAMOS:

1. ser a Família o eixo inspirador e indutor de nossas atuações;

2. aprender em família o afeto que nos faz viver, sabendo que as coisas do agrado são sagradas;

3. ser próprio da Família gerar a cultura do coração. Assim, as mudanças necessárias a favor da justiça e da integridade da criação desaparecem quando, em família, não se aprende amar e cuidar do Planeta Terra;

4. saber que é na vivência com a Natureza que podemos aprender algumas dimensões de sabedoria de bem-viver, aliada a uma clara opção espiritual e ecológica de defesa da Terra e melhoria do meio ambiente;

5. estar toda a criação grávida e ansiosa de vida nova que lhe chega pela Ressurreição de Jesus. O Cristo Cósmico, aquele que plenifica todas as coisas. (cf. Rom. 8, 22-23; 1 Col 1, 15-20).

DESEJAMOS:

1. que a ecologia alcance a ética da convivência, fazendo parte de nossa prática a luta pelo direito de ser e crescer em humanização. A paz é obra da justiça e dom do céu;

2. que as equipes-base do MFC procurem ser solidárias e partilhar os bens, na contramão do consumo exacerbado e da maximização do lucro individual;

3. que os setores regionais do MFC promovam as dimensões ecológicas da espiritualidade conjugal e familiar, recordando ser a criação amor carinhoso de Deus por nós;

4. que cada família renuncie à poluição, trate adequadamente as áreas de cultivo, o lixo e o uso da água, zelando por uma alimentação saudável e aprenda a viver com simplicidade;

5. que sejamos inteligentemente críticos dos modos de tratar a Terra e o Ser Humano como mercadoria, denunciando as especulações do capital acumulado que desconsidera os pobres e degrada a dignidade humana. Esperamos que os gerenciadores

do bem-comum, desde o nível municipal às esferas federais, saibam construir políticas públicas que fortaleçam as famílias, propiciando-lhes teto, saúde, educação e oportunidades de uma cidadania plena.

NOS COMPROMETEMOS:

1. com a conscientização de que é preciso mudar, rompendo com o descaso sobre a educação ambiental de todos nós e as acomodações no empenho por políticas ambientais. É preciso inovar até no cotidiano das famílias para que se saboreie o sentido da vida, o valor na realização das pessoas e a alegria no viver;

2. a nos manter em movimento de crescimento pela nucleação; em movimento de sustentabilidade dos elementos que compõem o carisma e a identidade do MFC. Somos conscientes de vivermos mergulhados numa evolução no modo de ser, de pensar, de sentir e de atuar como fermento de uma sociedade democrática, sem exclusões e sem injustiças institucionalizadas;

3. a lidar confiantes com os desafios da realidade atual, em toda a sua extensão e implicações, tendo nos escritos do MFC uma linguagem adequada ao melhor do Humano e da nossa fé cristã, nela incluída o ecumenismo;

4. com os jovens, a fim de que, encontrando espaço participativo no MFC, impulsionem-nos para as ações

indispensáveis à amorização da vida, aos compromissos com a justiça e com a integridade da criação;

5. a efetivar nossos desejos, frutos do Espírito renovando-nos a partir deste 17º Encontro Nacional.

** Na alegre celebração ao Deus da vida, assinam em nome de todos:*

*O casal Coordenador Nacional,
Os casais Coordenadores regionais,
O casal Coordenador do estado do Espírito Santo*

VILA VELHA, 23 DE JULHO DE 2010.

Cada família do MFC

Assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC

Assinatura anual: R\$ 30,00

(Trinta reais - 4 edições)

Preço para o ano de 2010

Tel/Fax: (32) 3218-4239

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO

Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

A Amazônia e a internacionalização do mundo

Cristovam Buarque

Durante um debate em uma universidade, nos Estados Unidos, fui questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. O jovem estadunidense introduziu sua pergunta dizendo que esperava a resposta de um humanista e não de um brasileiro. De fato, como brasileiro, eu simplesmente falaria contra a internacionalização da Amazônia. Por mais que nossos governos não tenham o devido cuidado com esse patrimônio, ele é nosso.

Respondi que, como humanista, sentindo o risco da degradação ambiental que sofre a Amazônia, podia imaginar sua internacionalização, como também de tudo o mais que tem importância para a humanidade. Se a Amazônia, sob uma ótica humanista, deve ser internacionalizada, internacionalizemos também as reservas de petróleo do mundo inteiro. O petróleo é tão importante para o bem-estar da humanidade quanto a Amazônia é para o nosso futuro. Apesar disso, os donos das reservas sentem-se no direito de aumentar ou diminuir a extração de petróleo e subir ou não seu preço.



Os ricos do mundo, no direito de queimar esse imenso patrimônio da humanidade. Da mesma forma, o capital financeiro dos países ricos deveria ser internacionalizado. Se a Amazônia é uma reserva para todos os seres humanos, não pode ser queimada pela vontade de um dono, ou de um país. Queimar a Amazônia é tão grave quanto o desemprego provocado pelas decisões arbitrárias dos especuladores globais. As reservas financeiras não podem servir para queimar países inteiros na volúpia da especulação.

Antes mesmo da Amazônia, eu gostaria de ver a internacionalização de todos os grandes museus do mundo. O Louvre não deve pertencer apenas à França. Cada museu do mundo é guardião das mais belas peças produzidas pelo gênio humano. Não se pode deixar esse patrimônio cultural, como o patrimônio natural amazônico, seja manipulado e destruído pelo gosto

de um proprietário ou de um país. Não faz muito, um milionário japonês decidiu enterrar com ele um quadro de um grande mestre. Antes disso, aquele quadro deveria ter sido internacionalizado.

Durante o encontro em que recebi a pergunta, as Nações Unidas reuniam o Fórum do Milênio, mas alguns presidentes de países tiveram dificuldade em comparecer por constrangimentos na fronteira dos EUA. Por isso, eu disse que Nova York, como sede das Nações Unidas, deveria ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história, deveria pertencer ao mundo inteiro.

Se os Estados Unidos querem internacionalizar a Amazônia, pelo risco de deixá-la nas mãos de brasileiros, internacionalizemos todos os arsenais nucleares dos EUA. Até porque eles já demonstraram que são capazes de usar essas armas, provocando uma destruição, milhares de vezes, maior do que as lamentáveis queimadas feitas nas florestas do Brasil.

Nos seus debates, os candidatos à presidência dos EUA têm defendido a ideia de internacionalizar as reservas florestais do mundo em troca da dívida. Começamos usando essa dívida para garantir que cada criança do mundo tenha a chance

de ir à escola. Internacionalizemos as crianças tratando-as, todas elas, não importando o país onde nasceram, como patrimônio que merece cuidados do mundo inteiro. Ainda mais do que merece a Amazônia. Quando os dirigentes tratarem as crianças pobres do mundo como um patrimônio da humanidade, não deixarão que elas trabalhem quando deveriam estudar; que morram quando deveriam viver.

Como humanista, aceito defender a internacionalização do mundo. Mas, enquanto o mundo me tratar como brasileiro, lutarei para que a Amazônia seja nossa. Só nossa. Debata com seu grupo esse texto do Buarque, que já virou clássico:

– Por que nos últimos 300 anos destruímos 70% das florestas do mundo, sem tomar medidas?

– Por que agora sentimos a necessidade de internacionalizá-las? O que acontecerá se continuarmos a destruí-las?

– Por que não internacionalizamos, já, tudo aquilo que é condição de sobrevivência da humanidade?

– Por que não consideramos, de uma vez por todas, que os humanos somos todos uma só família, um só país, e que tudo tem de ser administrado em favor do interesse de todos, não de interesses privados, uns contra os outros?

Cristovam Buarque
cristovam.org.br, Brasília, DF
Transcrito do Portal Koinonia

A Igreja e as mídias sociais

J. B. Libanio *

O evangelho e a difusão da Igreja não se compuseram sem dificuldades. Jesus começou, na linguagem especialmente de Lucas, cercado de multidões. Ao ler o evangelista, tem-se a impressão de que as massas seguiam a Jesus por todas as partes a ponto de ele nem ter tempo para comer. As multiplicações dos pães se deram nesse contexto de êxito missionário. O povo chegou a esquecer a comida. Em outro momento, precisou subir à barca para evitar a pressão da multidão.

A vida pública de Jesus tem outra face. Na narrativa de João, depois do sermão do pão, as pessoas se vão. E ficam os seguidores próximos. Provavelmente pequenino grupo. E a interpelação de Jesus soa carregada de dor. "Vós também quereis ir embora (Jo 6, 67)?"

O processo avançou até a solidão de Jesus no horto. Interroga a Pedro: "Não foste capaz de ficar vigiando uma só hora?" Já não lhe pede uma vida de seguimento, mas uma hora só. Nem isso. Dorme. E depois foge e trai. E na cruz revela-



se o fracasso completo. Morre no absoluto abandono. Nada leva a crer que o Jesus do evangelho atribua importância ao êxito publicitário e propagandístico. Pelo menos, ele não se enveredou por esse caminho.

Nos inícios do Cristianismo, Paulo se transformou no apóstolo maior de longas viagens e muitas pregações. Ousou pregar no areópago de Atenas (At 17, 22-32). Fracassou, ao tocar o mistério da ressurreição de Jesus. Os ouvintes o abandonaram com um simples "outro dia te ouviremos". Os atos chegam a dar a impressão de sucessos de massa com os sermões de Pedro, com milhares de batismos. Mas, seguindo os fatos, os cristãos praticamente desaparecem de Jerusalém. As conversões se dão antes gota a gota pela via familiar que pelos movimentos de massa. Até à conversão do Império a fé cristã trilhou caminhos pouco chamativos.

As massas vieram depois. O Cristianismo se fez religião do Império. Pagou, em termos evangélicos, pe-

sado preço. Chegou às aberrações da Inquisição, de Cruzadas sangrentas, do poderio mundano de papas.

Tem sofrido nos últimos tempos enorme desgaste. Por onde virá a renovação? A mídia social pode ser um caminho para recuperar a presença na sociedade? A trajetória histórica do Cristianismo deixa-nos perplexos em face de tal proposta. Cabe sério discernimento. Não há espaço para soluções superficiais e de pura exterioridade. Nem tem sentido depositar nela esperanças. O evangelho passa pelo testemunho, pela vida de entrega, pela força do amor. No entanto, há uma palavra do evangelho que nos abre caminho. A palavra de Deus se assemelha à semente. Não há limite para lança-

la. A mídia procede como semeador que semeia por todos os lados. Vale como primeiro passo. Mas o evangelho continua a ensinar-nos que ela só frutifica em terra boa que não se trabalha midiaticamente, mas por meio da catequese, da liturgia, das pastorais diversas.

[www.jbllibanio.com.br (site organizado pelo grupo de amigos e admiradores de JB Libanio). Confira o livro de JB Libanio: *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002].

* Padre jesuíta, escritor e teólogo. Ensina na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte, e é vice-pároco em Vespasiano

Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

- Missão
- Política do Acervo
- Estatísticas

- Fale Conosco
- Quero Colaborar
- Ajuda

Pesquisa Básica
Selecione o critério da pesquisa.

VOCÊ PODE VER GRATUITAMENTE:

- As grandes pinturas de Leonardo Da Vinci e muitos outros;
- Escutar músicas em MP3 de alta qualidade;
- Ler obras de Machado de Assis ou a Divina Comédia, de Dante Alighieri;
- Ter acesso às melhores historinhas infantis e vídeos da TV Escola;
- Ler artigos científicos;
- E muito mais...

O Ministério da Educação oferece tudo isso, basta acessar o site:
www.dominiopublico.gov.br

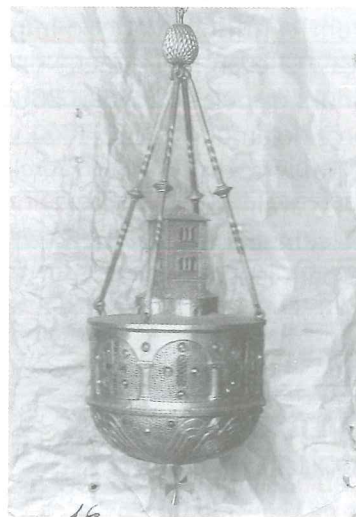
Destaques

- Machado de Assis: obra completa
- Plano de Desenvolvimento da Educação
- Música Erudita Brasileira
- Obras Machado de Assis
- Vídeo Paulo Freire Contemporâneo
- Poesia de Fernando Pessoa
- Literatura Infantil em português

A lâmpada votiva

“Lembro hoje uma historinha que considero bonita, apesar de anacrônica e, talvez, incompreensível ao mundo de hoje. Foi num tempo em que, nas igrejas, no altar onde ficava o Santíssimo Sacramento, havia sempre uma lamparina acesa, geralmente numa manga de vidro vermelho.

Para os crentes, era sinal de que ali havia um Deus para salvá-los e abençoá-los. Numa igreja decente, tudo podia faltar, menos o azeite que daria vida à chama, dia e noite acesa, vencendo as trevas do desconsolo e iluminando o espaço da esperança.



O vigário de uma paróquia pobre e decadente descobriu que o azeite acabara, a lâmpada votiva se apagaria durante aquela noite. Percorreu as caixas de esmolas espalhadas pela igreja, estavam todas vazias, numa delas havia um bilhete a São Judas Tadeu, alguém pedindo uma graça impossível.

Foi nos seus guardados ver se tinha alguma coisa de valor que

pudesse ser vendida àquela hora da noite. Nada encontrou. Sem azeite e sem dinheiro para comprá-lo, o vigário saiu à rua, encontrou uma prostituta que fazia ponto nos fundos da igreja. Pediu-lhe dinheiro. A moça argumentou que quem deveria estar pedindo dinheiro era ela. Achou estranho, mas deu ao padre a única nota que ganhara naquela noite.

O padre dirigiu-se ao único restaurante aberto àquela hora. Convenceu o gerente e comprou um vidrinho de azeite de cozinha. Voltou correndo à igreja, a luz do altar estava-se apagando, nas últimas.

Ele colocou o azeite, a chama cresceu no meio da noite. No dia seguinte, com o primeiro dinheiro que arranjasse, compraria mais azeite.

Não foi preciso. Aquela chama ficou brilhando para sempre, nunca se apagou, iluminando o esforço de quem havia cumprido o seu dever.”

Transcrição do texto de Carlos Heitor Cony na Folha de São Paulo

As crises do casal... sem dúvida necessárias a seu progresso

Deonira L. Viganó La Rosa *

Antes do casamento as crises do casal se relacionam com a recusa de um dos dois, quando o outro deseja engajar-se em um projeto; com a incerteza, já que um dos dois não deseja ou não pode fazer projetos para o futuro; ou com a incapacidade de levar em conta a identidade e a liberdade do outro...

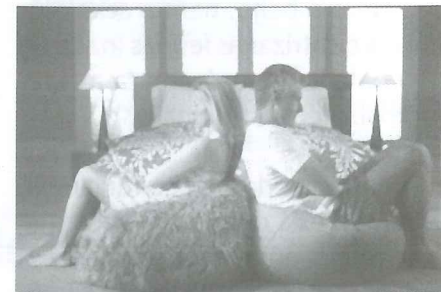
Mais tarde, o risco está no hábito. Os diálogos em profundidade se fazem raros. Surge o enfado, a placidez.

A gente já se conhece, para que mudar?

O cotidiano “devora” o tempo a dois. O trabalho mina a nossa vida e nos conduz a procurar tempos de silêncio ou tempos de evasão. Com isso, o lugar do outro e a atenção ao outro diminuem.

A falta de diálogo é o lugar comum da maioria dos casais. Um casal que se fala muito bem e facilmente, pouco existe, salvo nos livros. O que um pensa e diz nem sempre corresponde ao que o outro compreende ou espera.

Entretanto, o cotidiano é também o continente da mudança: Encon-



trar os lugares favoráveis ao diálogo (o restaurante, a caminhada a pé, o passeio de carro pela campanha...). Saber pedir perdão e perdoar, o que não é um sinal de fraqueza, ao contrário, é sinal de força interior, de confiança no futuro e no outro.

Integrar docemente, porém com segurança, as falhas de cada um e seus limites: harmonização cotidiana da vida sexual, distribuição razoável entre o tempo do casal e o do trabalho, investimentos profissionais, de lazer, com amigos...

CONFLITOS DE FUNDO

O desaparecimento dos tempos de diálogo conduz naturalmente ao enferrujamento da máquina. Quando não podemos mais expressar nossas diferenças, nem sentir o sofrimento do outro, nos afastamos um do outro e caminhamos pouco a pouco para a indiferença e, com certeza, vamos bater a cabeça no muro.

Tentar reconciliar-se pelo caminho da sexualidade não é a solução. Por vezes, beijar não é senão uma maneira de fazer o outro calar... Nem o beijo, nem o sexo ajudarão a cicatrizar as feridas (nada de filho da crise..., você arrisca a fazer um mal, além de tudo).

Quando nada parece funcionar, nem tudo está perdido: Aquilo que reprovamos nos outros é, provavelmente, um pouco da nossa carência. 'Ele é pouco terno'. E eu, dou-lhe os meios para exercer sua ternura? 'Ela não me escuta mais'. Será que eu lhe falo de amor?

Crises todo mundo as tem, não é por isso que o divórcio arranjará as coisas (pensando bem, a mulher (ou homem) ao lado não tem todas as qualidades que estão querendo atribuir-lhe...).

QUE SÃO AS CRISES?

Crises são momentos nos quais não nos compreendemos mais, não sabemos mais quem somos... E então vêm o silêncio, a agressividade, o tédio... São as crises de identidade que nos obrigam a colocar em questão, não os valores assumidos desde o primeiro dia, mas a maneira como os estamos vivendo no momento.

Os acontecimentos nos põem, então, radicais e incontornáveis questões: - Hoje, quem é o homem, quem é o esposo, quem é o pai que tu és?

- Hoje, quem é a mulher, quem é a esposa, quem é a mãe que tu és?

- Hoje, quem é o casal que nós formamos?

Se há crise é porque, de uma ou de outra maneira, eu não aceito que tu sejas "outro" diferente de mim (mas é justamente nesta alteridade que está o jogo do amor...). A alteridade consiste em dizer:

Eu aceito ou eu recuso que tu sejas "outro", diferente de mim, totalmente "outro". 'Eu aceito' faz a felicidade do casal e 'Eu recuso' traz toda a infelicidade para o casal. No auge da crise, somente a verdade e a humildade permitem fazer ultrapassagens absolutamente necessárias para fazer crescer o amor humano.

Às vezes, apelar para a ajuda de um terceiro é uma boa maneira de retomar um diálogo enterrado debaixo de uma trouxa de roupas limpas... Às vezes, os bons conselhos não são suficientes e recorrer a um conselheiro conjugal, mediador de família, sexólogo, ou outro, é mais eficaz, na medida em que sua distância do problema e seu saber permitem uma mediação respeitosa entre as duas partes. Com certeza é menos doloroso que uma pública lavagem de roupa, via advogados em confronto.

Há dois raciocínios que ouvimos com frequência e que são falsos:

O tempo arranjará as coisas. Falso!

A crise não diz respeito senão a nós. Igualmente falso!

Quando estamos doentes no amor e os dois queremos sair desta situação; quando, apesar de tudo, ainda acreditamos no poder renovador do amor, é preciso ter a humildade de se fazer ajudar por

uma terceira pessoa. O futuro é dos humildes.

Leitura base: D. Balmelle, Revue Alliance.

* Deonira L. Viganó La Rosa é
Terapeuta de Casal e de Família.
Mestre em Psicologia.

Questões para reflexão:

Você tem hábito de discutir seus problemas?

Você já procurou ajuda ou orientação para superá-los?

UTILIDADE PÚBLICA

Em todo o Brasil falta sangue nos hospitais e centros de hemoterapia. Procure em sua cidade e doe sangue. Também é necessária e urgente a doação de medula óssea. Ofereça essa partilha de um pouco do seu ser. Salve vidas.

Apoio: Movimento Familiar Cristão

DOE
SANGUE
!

Dados sobre a situação ambiental

Washington Novaes*

A) AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS JÁ EM CURSO

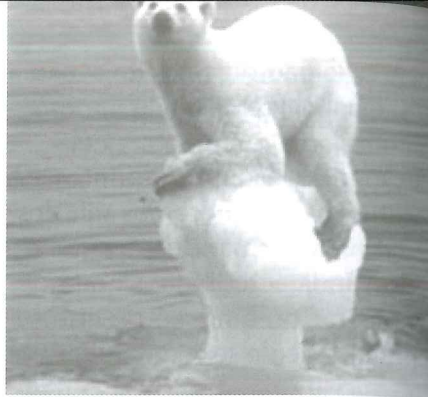
Previsão do PIMC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas): se as emissões de gases que intensificam o efeito estufa continuarem no ritmo atual, no século XXI a temperatura da terra se elevará entre 1,4 e 5,8 graus Celsius; o nível dos oceanos subirá entre 18 e 59 cm; secas, inundações e outros desastres aumentarão. Nota: Os relatórios do PIMC só incluem conclusões de consenso entre seus participantes e com mais de 90% de probabilidade de acontecerem.

TEMPERATURA SOBE MAIS

Últimos cálculos do PIMC: em qualquer hipótese, até 2050 a temperatura aumentará dos 0,8 atuais para os 2 graus. Para evitar mais de 2 graus, as emissões terão de ser reduzidas até lá em pelo menos 80%. Agência Internacional de Energia: o aumento mínimo será de 3 graus.

RECESSÃO À FRENTE?

Mas as emissões continuam aumentando. Relatório Stern: se as emissões não baixarem 80%, enfrentaremos a pior recessão econômica de todos os tempos. Temos menos



de uma década para resolver, aplicando de 2 a 3% do produto mundial por ano (de US\$ 1,2 trilhão a US\$ 1,8 trilhão).

BALANÇO DOS DESASTRES

Em 2008, os «desastres naturais» atingiram 211 milhões de pessoas no mundo e deixaram 235 mil mortos. Prejuízos de 181 bilhões de dólares. Em 10 anos, 835 bilhões. O Brasil já é o 13º país em vítimas.

AS EMISSÕES CRESCENTES

Em 2007, as emissões de gases do efeito estufa no mundo estiveram acima de 25 bilhões de toneladas. Os EUA respondem por cerca de 21% do total, mas a China já se tornou a maior emissora, com 24%. O Brasil já é o quarto maior emissor: mais de 1 bilhão de toneladas de CO2 (inventário de 1994) e mais de 30 milhões de toneladas de metano.

O PAPEL DE CADA PAÍS

As nações do G8 emitiram em 2007 cerca de 14,3 bilhões de toneladas, 2% a mais que em 2000. E 0,7% acima de 1990 (quando deveriam estar 5,2% abaixo). Os Estados Unidos emitiram 16,3% mais que em

1990 e 1,6% mais que em 2000. Só Alemanha, Inglaterra e França reduziram suas emissões.

Estudo do Banco Mundial em 2007 aponta para o Brasil mais de 2 bilhões de toneladas de carbono em 2004, cerca de 40% mais que os números do inventário brasileiro de 1994.

Segundo Sir Nicholas Stern: o Brasil já está gerando de 11 a 12 toneladas anuais por habitante. Isso significaria mais de 2,2 bilhões de toneladas/ano. O novo balanço prometido para 2008 ficou para 2009.

DESMATAMENTO E CLIMA

Quase 75% das emissões brasileiras se devem a mudanças no uso do solo, desmatamentos e queimadas, principalmente na Amazônia. De 2000 para cá, o Brasil já desmatou mais de 150 mil Km².

AS PROJEÇÕES DO CONSUMO

Agência Internacional de Energia: o consumo de energia no mundo poderá aumentar 71% até 2030. A temperatura subirá 3 graus até 2050. Na China, crescerá 33% em uma década. Na Índia, mais 51% em uma década. Os países industrializados precisam reduzir suas emissões entre 60 e 80% até 2020; esses países consomem 51% do total da energia no mundo. Um habitante desses países consome em média 11 vezes mais energia que um dos países pobres.

A Agência Internacional de Energia prevê que serão necessários in-

vestimentos de 45 trilhões de dólares nos próximos 15 anos em novas fontes de energia.

A ESPERANÇA DE KYOTO

O Protocolo de Kyoto, que regulamentou em 1997 a Convenção do Clima, de 1992, estabeleceu que os países industrializados reduzam suas emissões em 5,2% entre 2008 e 2012. EUA não homologaram.

O XIS DA QUESTÃO

Problema central: não temos nem instituições, nem regras universais, capazes de promover as mudanças necessárias na escala global. As reuniões de convenções da ONU exigem consenso para tomar decisões – difíceis, por causa dos interesses contraditórios.

DE ONDE VIRÁ A ENERGIA

Agência Internacional de Energia: no ritmo atual, o petróleo cairá de 38% da energia total para 33% em 2030. O carvão passará de 24 para 22%. O gás aumentará de 24 para 26%. Energias renováveis subirão de 8 para 9% do total. Energia nuclear passará de 2,532 bilhões de KWh (2003) para 3,299 bilhões de KWh.

ESPERANÇAS NA TECNOLOGIA

Tecnologias em desenvolvimento: 1) sequestro e sepultamento de carbono no fundo do mar ou campos de petróleo esgotados; 2) células de combustível; 3) veículos híbridos; 4) energias eólica, solar, de marés, biocombustíveis.

OS NOVOS FATORES

Al Gore: “Hoje, vivemos uma emergência planetária”. O governo

Barack Obama autorizou os Estados a estabelecer limites de poluição e consumo por veículo. O novo Congresso, influenciado pela opinião pública, está mudando muito e poderá aprovar legislações mais positivas.

AS DIMENSÕES DO DESAFIO

Rick Samans, presidente do Fórum Econômico de Davos: "O desafio na área do clima é assustador. Estamos 15 anos atrasados".

Carlos Nobre (INPE): «Não há como reverter o quadro: a roda já está girando a uma velocidade tão alta que não dá mais para parar; talvez dê para diminuir».

OS RISCOS DA INACÇÃO

Sir Nicholas Stern, ex-economista-chefe do Banco Mundial, em relatório para o governo britânico: Mudanças climáticas poderão mergulhar a economia mundial na pior recessão global da história recente.

OS TEMPOS À VISTA

Sir Nicholas, em 2006: "Os governos precisam enfrentar o problema reduzindo emissões de gases. Temos menos de uma década para fazê-lo". Sir Nicholas, em 2008: "Fui muito otimista em 2006; não temos uma década".

MELHOR A FAZER

Esses investimentos serão uma oportunidade de chegar a uma matriz energética com emissão zero. E será algo na direção oposta à de um declínio econômico. Custará menos enfrentar o problema que

pagar o preço das consequências, se não o fizermos.

SINAIS DE OTIMISMO

Há vários sinais otimistas em algumas partes. Mas há também muitas interrogações, por causa da atual crise econômico-financeira. O prazo para novo acordo (pós-Kyoto) é dezembro de 2009, em Copenhague. Se não houver acordo em Copenhague, ficará sem regras para depois de 2012. O que acontecerá com o Mecanismo do Desenvolvimento Limpo e o mercado de carbono, que hoje movimenta dezenas de bilhões de dólares por ano?

AVANÇOS NOS EUA, RECUO EUROPEU

Doze Estados e mais de 300 cidades dos EUA já definiram metas para a redução de emissões ou aumento de eficiência no uso de energia, principalmente combustíveis fósseis. Agora, com a autorização de Obama, poderão levá-las à prática.

A Europa se dispusera a financiar, com 30 bilhões de euros, programas de redução nas emissões dos países em desenvolvimento. Agora, com a crise financeira, recuou.

A Alemanha definiu meta de redução de emissões até 2020 em 40% sobre 1990. A Grã-Bretanha fixou redução de 80% das emissões até 2050. A Europa assumiu o compromisso de reduzir suas emissões em 20% até 2020.

NOVAS PREOCUPAÇÕES

OTAN alerta que degelo no Ártico

até 2013 poderá gerar graves conflitos entre países pelo domínio de rotas de navegação e áreas para exploração de petróleo.

IUCN alerta que já estão ameaçadas 35% das espécies de pássaros, 52% dos anfíbios e 71% dos corais.

B) NOSSO ESTILO DE VIDA INSUSTENTÁVEL

Não é apenas o clima que ameaça o futuro da humanidade. Vivemos um novo tempo. Não se trata apenas de cuidar do meio ambiente. Trata-se de não ultrapassar os limites que colocam em risco o planeta e, com ele, nossa própria vida.

A segunda grande questão, segundo Kofi Annan, está nos atuais padrões globais de produção e consumo de recursos e serviços naturais, além da capacidade de reposição da biosfera terrestre.

PADRÕES DE PRODUÇÃO E CONSUMO

Relatórios Planeta Vivo e Greenpeace: Estamos consumindo no mundo 30% além da capacidade de reposição do planeta nos recursos naturais. A "pegada ecológica da humanidade", que mede o impacto sobre o planeta, triplicou desde 1961. A pegada ecológica no mundo já é de 2,7 has por pessoa, acima da disponibilidade média, de 1,8 has.

UM CENÁRIO ASSUSTADOR

Segundo previsões da ONU: em meio século, a exigência humana sobre a natureza será duas vezes supe-

rior à capacidade de produção da biosfera. É provável a exaustão dos ativos ecológicos e o colapso do ecossistema em larga escala.

A PEGADA ECOLÓGICA HUMANA

A pegada ecológica mundial já é de 14 bilhões de hectares. Entre os países de pegada mais alta, a dos EUA é de 2,8 bilhões. A da China, 2,15 bilhões. Da Índia, 802 milhões. Rússia, 631 milhões. Japão, 556 milhões. Brasil, 383 milhões. A pegada ecológica per capita dos EUA é de 9,6 hectares. Do Brasil, 2,1 has.

Agravando o problema, relatórios do Programa da ONU para o Desenvolvimento (PNUD) dizem: os países industrializados, com menos de 20% da população mundial, concentram 80% da produção, do consumo e da renda totais.

PNUD: se todas as pessoas consumissem como os norte-americanos, europeus ou japoneses, precisaríamos de mais nove planetas para suprir os recursos e serviços naturais necessários (Informe PNUD 2007-2008).

DESTRUIÇÃO INÉDITA

Estamos deteriorando os ecossistemas naturais a um ritmo nunca visto na história da humanidade. Quase um terço das espécies conhecidas se extinguiu em três décadas. A biocapacidade da Terra constitui a quantidade de área biologicamente produtiva – zona de cultivo, pasto, floresta e pesca – disponível para atender às necessidades humanas.

As populações de espécies tropicais diminuirão 55%. A conversão de áreas para a agricultura é o fator principal de perda do habitat das espécies.

Os manguezais, berçários de 65% das espécies de peixes tropicais, estão sendo degradados a um ritmo duas vezes superior ao das florestas tropicais. Mais de um terço da área global de manguezais foi perdido entre 1980 e 2000. Na América do Sul a perda foi de 50%.

ONDE ESTÁ A RENDA

As três pessoas mais ricas, juntas, têm ativos superiores ao PNB anual dos 48 países mais pobres, onde vivem 600 milhões de pessoas; 257 pessoas, com ativos superiores a 1 bilhão de dólares cada um, juntas têm mais que a renda anual conjunta de 45% da humanidade, 2,8 bilhões de pessoas.

Hoje, os países em desenvolvimento pagam mais de 1 bilhão de dólares em juros por dia aos bancos internacionais.

CRISE CIVILIZATÓRIA

Vivemos uma crise de padrão civilizatório. Nossos modos de viver são insustentáveis, incompatíveis com os recursos do planeta, mesmo com 800 milhões de pessoas passando fome e mais de 2,5 bilhões abaixo da linha de pobreza (2 dólares por dia).

QUANTO VALE O QUE TEMOS

Robert Constanza e mais 13 cientistas da Universidade da Califórnia: "Se tivéssemos de substituir serviços e recursos naturais, como

fertilidade do solo, regulação do clima, fluxo hidrológico e outros (que nada nos custam) por ações humanas e tecnologias, eles custariam três vezes o produto bruto mundial de um ano".

CRESCIMENTO RESOLVE?

O que se vai fazer? Crescimento econômico, puro e simples, seria a solução? Edward Wilson: "Se o PNB mundial, hoje na faixa dos 60 trilhões de dólares, tiver um crescimento moderado, de 3,5% ao ano, chegaria a 2050 com 158 trilhões de dólares. Mas não chegará: não há recursos e serviços naturais para isso".

O QUE TERÁ DE MUDAR

Será indispensável praticar padrões de consumo que poupem, que não desperdicem recursos. As matrizes energéticas terão de ser reformuladas. Fatores e custos ambientais terão de estar no centro e no início de todas as políticas públicas e de todos os empreendimentos privados, para serem avaliados, aprovados ou não, atribuídos a quem os gera.

E a comunicação e a educação precisam mudar. Precisam informar a sociedade, permanentemente, das questões em jogo e das soluções possíveis.

Para que a sociedade, informada, se organize e passe a levar esses problemas para as campanhas eleitorais, exija dos candidatos que se posicionem.

Washington Novaes
São Paulo, SP, Brasil
Transcrito do Portal Koinonia

Dentro de um labirinto

Déa Januzzi*

O filho vai votar pela primeira vez aos 18 anos e a mãe, completamente, embevecida, meio boba, vem conversando, trocando idéias, falando sobre o voto consciente, o nascimento de uma nova cidadania. Até pediu que o filho escrevesse um texto sobre a sua emoção de escolher o presidente da República. O filho olhou para a mãe, sem entender aquela euforia toda e perguntou: Por quê? E a mãe resolveu contar uma história: era uma vez um bando de jovens idealistas que queria mudar o mundo. Eles sonhavam com um mundo menos desigual.

Eles eram muito jovens, também acabavam de completar 18 anos e já faziam passeatas, pegavam em armas, se escondiam em "aparelhos", tinham codinomes e cantavam músicas assim: "Soldados armados, amados ou não". O Brasil vivia a mais torturante ditadura militar, que tentava calar e massacrar toda uma juventude e trancar as portas das universidades. Eles eram tão jovens que enfrentaram a ditadura de peito aberto. Eles tinham pressa, determinação, coragem, mas foram parar nas celas das prisões de Belo Horizonte, Juiz de Fora e Rio de Janeiro. Foram torturados, mortos,



enterrados, sem identificação, em cemitérios clandestinos, ou jogados no mar, sem que seus pais fossem sequer comunicados.

Muitos mães passaram anos procurando seus filhos pelas prisões e corredores da ditadura militar. O cantor e compositor Chico Buarque, inclusive, fez uma música, em 1977, para Zuzu Angel, a torturada mãe cujo filho foi jogado no mar sem direito a defesa e julgamento, sem direito de dizer adeus: Quem é essa mulher/ que canta sempre esse estribilho. Só queria embalar meu filho/ que mora na escuridão do mar. Quem é essa mulher/ que canta sempre o mesmo arranjo/ só queria agasalhar meu anjo/ e deixar seu corpo descansar.

A mãe, ainda adolescente, não entendia muito bem aquele movimento. Mas um belo dia, quando saiu para passear com os pais na

Avenida Afonso Pena, viu seu professor particular, Pedro Bretas colhendo assinaturas nas escadarias da Igreja São José, no Centro de Belo Horizonte. Era um abaixo-assinado contra a ditadura militar. Pedro era um jovem alto e belo, mas cheio de mistérios. Não falava muito, só ensinava equações.

A mãe, ainda adolescente, achava aquele professor tinha segredos inconfessáveis. Até que, um dia chegou a notícia. Pedro estava preso por pertencer a uma organização terrorista, o Comando de Libertação Nacional (Colina). Pedro era um desses jovens que queriam um mundo menos cruel. Pedro entretanto, foi preso e tempos depois trocado pelo embaixador americano Charles Elbrick. Pedro e mais 40 companheiros ganharam a liberdade, mas longe daqui, no Chile. Pedro saiu do País com estilhaços de bala por todo o corpo, com as marcas da tortura. Pedro era um exilado político.

A mãe nunca mais teve notícias do professor. Ela ainda não entendia aquele silêncio todo dentro de casa. Seus pais conversavam baixinho, quase murmurando. Nunca

mais citaram o nome do professor. Nem explicaram nada. Só não deixavam mais a filha sair de casa. Ela ficou trancada por muito tempo escutando a música do Geraldo Vandré "Pra dizer que não falei de flores".

E só conseguiu votar para presidente da República, em 1989, já com 30 anos de idade, depois de se formar e de vários anos de profissão. Muito tempo depois é que ela foi entender os sonhos de Pedro e de um bando de jovens idealistas que queria mudar o mundo.

O filho ouviu atentamente a história, pensou e deixou escrito, em cima da mesa, uma frase: "Nasci num mundo predeterminado, numa época conturbada. As estatísticas confirmam: mais de 40% da população brasileira está desempregada. A tensão que vivo agora é existencial, preciso me firmar como indivíduo na sociedade adulta...." E a mãe pensou o que fazer com o filho que nasceu sob a ditadura econômica - e que procura uma saída no meio de um labirinto.

** Déa Januzzi é cronista do jornal Estado de Minas. Crônica transcrita do livro "Coração de Mãe"*

*Ninguém faz bem o que faz contra a vontade,
mesmo que seja bom o que faz.*

Santo Agostinho

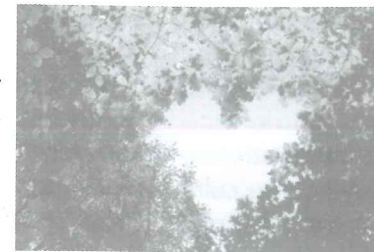
Deus e a Natureza

José Comblin*

Durante a maior parte de sua história, quase 2 milhões de anos, a humanidade encontrou a divindade na natureza. Sacralizou a natureza e a venerou: venerou animais, plantas ou árvores, pedras, montanhas, rios... Ali estava a força que dirige o universo. Há somente 4 mil anos que se manifestou um Deus diferente da natureza, um Deus sem nome, sem qualitativos, bem distinto da natureza, um Deus que proibiu que lhe fizessem imagens, porque não se parecia com nenhuma das coisas conhecidas. Foi o começo do povo de Israel.

O Antigo Testamento mostra como a nova concepção proclamada pelos profetas encontrou sempre resistência no próprio povo de Israel. Este não podia ou não queria se desfazer do seu culto tradicional encontrando a divindade em elementos da natureza. A história de Israel foi uma história de luta contra a idolatria, ou seja, contra a divinização da natureza.

Precisa compreender. A natureza, os animais, as árvores, as pedras não querem a justiça nem a compaixão... Levam a humanidade nos seus ciclos vitais com indiferença. O Deus sem nome que se revela em Israel é Deus de justiça e de compaixão. Seus seguidores terão de lutar para que haja justiça e



compaixão. Os profetas entenderam que se afastar do Deus sem nome era abandonar a causa da justiça e da compaixão: era abandonar os pobres à sua

condição. Por isso denunciaram a "idolatria" e lembraram o Deus de quem Israel era o arauto.

Esta luta contra a divinização da natureza continuou na história da cristandade até há poucos anos atrás. Durante a cristandade, a Igreja fez um compromisso com os povos para conseguir sua adesão ao Cristianismo: atribuiu um santo às diversas manifestações do politeísmo pagão. Criou assim um politeísmo cristão que deu satisfação às massas populares. No século XVI, os protestantes reclamaram contra esse politeísmo e ainda hoje protestam, pelo menos as denominações mais populares. Os protestantes foram muito mais radicais contra a idolatria em geral, e de modo particular a idolatria católica, que chamam de idolatria, que era uma forma cristianizada de culto às divindades da natureza. Somente nos últimos anos as Igrejas históricas desarmaram porque entraram em uma época de diálogo, de macroecumenismo. Puderam fazê-lo porque os cultos tradicionais já não têm mais poder, são considerados inofensivos e não constituem uma ameaça para as Igrejas. Os próprios católi-

cos perderam muito do seu entusiasmo pelos santos por causa do secularismo, mas ainda subsistem fenômenos importantes de santos mais independentes da natureza.

Então, as Igrejas ficaram de certo modo sem palavra sobre a natureza. Não podiam reconhecer que o culto dos santos se dirigia à natureza, não podiam reconhecer a chamada idolatria católica. Não havia mais nada para dizer. Muitos cristãos entraram sem resistência na concepção secularizada da natureza. Quando foi demonstrado que a Terra girava ao redor do Sol, foi como uma blasfêmia. O Sol e a Lua perderam o que ainda tinham de divindade. Já eram transformados em objetos andando pelo universo. Quando se realizou a dissecação dos cadáveres no século XVI, foi um escândalo. O corpo perdia sua sacralidade. O último golpe foi a chegada dos seres humanos na lua. Muitos não acreditaram e pensaram que se tratava de uma montagem cinematográfica. A Lua perdeu o resto que ainda tinha de sagrado.

Com as novas tecnologias que permitiam cavar as montanhas, cortar as árvores, mudar os rios, mudar plantas ou animais, a natureza ficou transformada em objeto de manipulação por parte da humanidade. O nascimento da ciência da economia e as teorias capitalistas estimularam a exploração intensiva dos recursos da natureza: recursos dos solos, dos minérios, das plantas, dos animais. Esse movimento não encontrou resistência nas Igrejas - entre os protestantes menos do que

entre os católicos -, e por isso os países protestantes se desenvolveram primeiro e ainda hoje estão à frente da economia mundial.

Até há pouco tempo, foi unânime a convicção de que os recursos naturais eram ilimitados. Era possível explorar toda a natureza porque seus recursos eram inesgotáveis. As selvas tinham uma extensão infinita, os rios davam uma água abundante, os recursos do subsolo eram infinitos: carvão, petróleo, minérios. As plantas e os animais reproduziam-se de tal modo que se podiam usar sem restrição... No século XIX mataram milhões de baleias com a ideia de que o número delas era infinito. Elas forneciam a grassa para a iluminação. Se não se tivesse descoberto o petróleo, elas teriam desaparecido há um século.

De fato, até o final do século XIX, a população do globo era muito mais fraca. Estima-se que em 1900 havia 1.600 milhões de habitantes. Agora são 6.800 milhões. Ora, o desenvolvimento tecnológico fez o consumo humano aumentar indefinidamente. Já se tem certeza de que é impossível dar a toda a humanidade o nível de vida que existe atualmente nos Estados Unidos. Seria preciso contar com nove Terras, segundo informa o último informe do PNUD. O aumento da população mudou as percepções, ainda que muitos resistam em aceitar a realidade; por exemplo, as classes dirigentes do mundo inteiro, seguindo o exemplo da classe dirigente dos Estados Unidos.

Essas classes dirigentes querem aumentar sem limites sua riqueza. Por isso defendem e mantêm uma economia de crescimento permanente, forçando esse crescimento. Já que os recursos desde agora manifestam que são limitados, as elites vão pressionar para que o crescimento da economia se faça nos setores que lhes permitem ter maiores rendimentos, e aumentar ainda seu nível de consumo, com detrimento das massas.

O drama não é apenas que os recursos são limitados e que a Terra já não aguenta mais a exploração atual. O drama é que as classes dirigentes, os chefes da economia, querem uma exploração mais forte ainda e um esgotamento mais rápido dos recursos naturais. Querem o aquecimento global e as perturbações climáticas, porque não querem mudar a estrutura da economia. O drama é dirigido por criminosos que dominam os chamados governos, que na realidade não governam nada.

Todos esses desafios hoje em dia são bem conhecidos. Hoje em dia tudo aparece limitado, e, além disso, tudo já está contaminado. Dizem que essa contaminação já é irreparável, e que somente se pode limitar sua expansão no futuro: o ar está contaminado, o mar está contaminado, os rios, a terra. Os animais e as plantas estão ameaçados. Muitas espécies já desapareceram e milhares de outras podem desaparecer nos próximos anos. A própria alimentação poderá ser em breve um problema agudo porque as elites

sociais se reservam a tudo o que é disponível. Hoje, a terra serve para plantar cana-de-açúcar para que os carros possam circular nos Estados Unidos com um custo mínimo.

Mas o que nos interessa é como enxergá-los dentro da perspectiva das religiões. Naturalmente elas não têm capacidade para inventar ou realizar as transformações necessárias. Trata-se de um imenso problema político que somente se resolve a nível mundial. Mas as religiões podem agir na mente dos seres humanos, despertar as consciências e exortar para a ação.

Esta poderia ser a oportunidade para rever a relação entre Deus e a natureza. A luta contra o politeísmo e contra o panteísmo, que o acompanha muitas vezes ou deriva dele, ocupou toda a atenção da religião nascida da Bíblia e levou a entender Deus como radicalmente separado, distante, distinto da natureza como do conjunto da criação. Projetou-se Deus fora deste mundo, como mestre e senhor. Inconscientemente, a imagem do dono, do dominador, do senhor penetrou na imaginação e por via de consequência também na linguagem. Prevaleceram os adjetivos que qualificam o poder. Na própria liturgia cristã se exalta o «Deus todo-poderoso». A liturgia romana como as liturgias orientais, inspiradas provavelmente não somente pelos profetas mas também pelo sistema imperial que tanta influência teve na organização da Igreja cristã, é celebração do poder.

Os camponeses cristãos sempre descobriram Deus nos seus campos, nas florestas, na natureza que os rodeava. Também sempre houve místicos que o descobriram na sua criação. Mas a doutrina oficial, apoiada por uma teologia que era teologia oficial, exaltou o poder de um Deus acima das criaturas, como um rei ou um juiz. A tendência era rebaixar as criaturas para exaltar o Criador. Os teólogos, como a hierarquia, viviam nas cidades, que eram símbolos de poder. Não tinham a convivência com a natureza.

Poderíamos ter agora a oportunidade para rever o imaginário do clero e da hierarquia, assim como da teologia oficial. Deus não está fora das criaturas, não está fora da terra em um céu inalcançável, não está fora da vida que anima a terra e todos os seres que a povoam. Ele está dentro de cada uma das suas criaturas, como fonte permanente de vida. Ele é a força que permite que todas as suas criaturas possam se mover, crescer, agir. Cada passo nesta terra revela um novo aspecto da sua presença ativa. Destruir a natureza é destruir o que recebe vida de Deus, é atingir, desprezar, a bondade do Criador. Embelezar a natureza é dar culto ao seu Criador. Nosso contato com todos os seres da terra é um contato com Deus. Deus não está longe de nós. Está ao redor de nós e dentro de nós. Acolher a vida que Ele cria em nós e nos seres que nos rodeiam é dar culto a Deus, louvar e agradecer. A senhoria de Deus consiste em dar vida, infundir vida a cada momento.

Isso não é novidade porque sempre foi vivido pelos cristãos que viviam em contato permanente com a terra. Estes sempre foram suspeitos de politeísmo e idolatria. Pode ser que os teólogos antigos e a hierarquia, enganados por um preconceito para com os pobres, interpretavam de modo errado o comportamento e a religião dos camponeses. Estes podiam muito bem reconhecer a existência de um Criador universal, mas ao mesmo tempo reconhecer sua presença nas criaturas. Os gestos e os ritos podiam ter sido mal interpretados. As classes altas sempre suspeitam dos pobres e dão uma interpretação errada das suas condutas.

Quem sabe se o politeísmo dos camponeses não era uma maneira de expressar uma multiplicidade de deuses, mas uma multiplicidade das manifestações sensíveis de um Deus único visto como mais distante das preocupações de todos os dias. O politeísmo pode estar mais perto do culto aos santos do que se pensa.

Neste início do terceiro milênio temos muitos motivos para revalorizar a criação. Já fomos alertados com muita insistência. A Terra está morrendo porque está sendo explorada de uma maneira que não consegue se recuperar. Isso constitui um desafio novo na história da humanidade. Nunca se tinha pensado que os recursos da terra seriam de, tal modo, limitados. Mas a maioria da humanidade não consegue se convencer. Não acredita nas denúncias feitas por tantos especialistas.

Infelizmente a civilização ocidental está contaminando toda a humanidade. Ela é um estímulo constante para produzir mais, consumir mais; por conseguinte, destruir mais a Terra. A mentalidade do capitalismo, reforçada por todas as tecnologias que conseguem sempre acelerar a destruição da Terra, está triunfando exatamente no momento em que devia ter desaparecido.

Mas as religiões e as filosofias tradicionais ficam desprestigiadas. No Ocidente, as Igrejas entram na mentalidade consumista. Triunfa o marketing católico. As Igrejas pregam o contrário de uma moderação, de uma austeridade de vida que ensinavam quando a situação de ameaça não existia. Pregaram a austeridade quando o consumismo teria sido inofensivo, e pregam o consumismo quando já é catastrófico. Mas as Igrejas cristãs ainda têm espiritualidade?

Desde sempre a ambição dos pais tinha sido entregar aos filhos um mundo melhor, melhores condições de vida, mais oportunidades. Agora sabemos – embora a maioria não acredite – que os pais entregarão aos filhos um mundo pior, com condições de vida piores.

Pelo menos os pais têm o dever de frear a deterioração da Terra. Não podem querer consumir o mais possível, deixando uma Terra pior para seus filhos. Seria um imenso egoísmo dos adultos, desprezando os filhos. Eles têm responsabilidade para com

os filhos. Acontece que os donos da economia querem produzir cada vez mais, ou seja, deteriorar a natureza o máximo possível. Eles não mudarão facilmente. A crise financeira atual não mudará seus comportamentos.

Os governos não têm liberdade. São dominados pelos donos da economia, e nada podem. Os governos têm agora por missão obrigar os cidadãos a aceitar a organização da economia ditada por um grupo de senhores, ainda que saibam que aquilo é um suicídio coletivo. Por sinal, os donos do mundo conseguem convencer muitos governantes. São donos até dos cérebros dos chamados governantes, que não governam.

Os telespectadores deixam-se convencer e acham que os problemas ecológicos somente afetarão os outros, mas que eles escaparão.

A única saída é a educação das crianças. Podem aprender atitudes de respeito, de cuidado, de carinho para com as plantas e os animais que os adultos adquirirão dificilmente. O adulto pergunta: quanto vale? Só respeita o dinheiro.

Se a religião começa respeitando a presença de Deus em todas as criaturas, ela pode desempenhar um papel importante para salvar o planeta e a todos.

* José Comblin
João Pessoa, PB, Brasil
Transcrito do Portal Koinonia

Envelhecer ou Amadurecer

No primeiro dia na Universidade, nosso professor se apresentou e nos pediu que procurássemos conhecer alguém que não conhecíamos ainda. Fiquei de pé e olhei ao meu redor, quando uma mão me tocou suavemente no ombro.

Me dei volta e me encontrei com uma velhinha enrugada cujo sorriso lhe iluminava todo seu ser.

'Oi, gato. meu nome é Rose. Tenho oitenta e sete anos. Posso te dar um abraço?

Ri e lhe respondi com entusiasmo: -'Claro que pode!'

Ela me deu um abraço muito forte. 'Por que a senhora está na Universidade numa idade tão jovem, tão inocente?', lhe perguntei.

Rindo respondeu: 'Estou aqui para encontrar um marido rico, casar-me, ter uns dois filhos, e logo aposentar-me e viajar.'

'Eu falo sério', lhe disse.

Querida saber o que a tinha motivado a afrontar esse desafio na sua idade.

'Sempre sonhei em ter uma educação universitária e agora vou ter!', me disse. Depois das classes caminhamos ao edifício da associação de estudantes e compartilhamos uma batida de chocolate. Nos fizemos amigos em seguida. Todos os dias durante os três meses seguintes saíamos juntos da classe e falávamos sem parar. Me fascinava escutar a esta "máquina do tempo". Ela compartilhava sua sabedoria e experiência comigo.

Durante esse ano, Rose se fez muito popular na Universidade; fazia amizades aonde ia. Gostava de vestir-se bem e se deleitava com a atenção que recebia dos outros estudantes.

Desfrutava muito. Ao terminar o semestre convidamos Rose para falar no nosso banquete de futebol. Não esquecerei nunca o que ela nos ensinou nessa oportunidade. Logo que a apresentaram, subiu ao pódio.

Quando começou a pronunciar o discurso que tinha preparado de antemão, caíram no chão os cartões aonde tinha os apontamentos. Frustrada e um pouco envergonhada se

inclinou sobre o microfone e disse simplesmente, 'desculpem que esteja tão nervosa. Deixei de tomar cerveja por ser quaresma e este whisky me está matando!' 'Não vou poder voltar a colocar meu discurso em ordem, assim que permitam-me simplesmente dizer-lhes o que sei'.

Enquanto nós ríamos, ela aclarou a garganta e começou:

'Não deixemos de brincar porque estamos velhos; ficamos velhos porque deixamos de brincar.'

'Há só quatro segredos para manter-se jovem, ser feliz e triunfar'.

'Temos que rir e encontrar o bom humor todos os dias.'

'Temos que ter um ideal. Quando perdemos de vista nosso ideal, começamos a morrer.'

'Há tantas pessoas caminhando por aí que estão mortas e nem sequer sabem!'

'Há uma grande diferença entre estar velho e amadurecer. Se vocês têm dezenove anos e ficam na cama um ano inteiro sem fazer nada produtivo se converterão em pessoas de vinte anos. Se eu tenho oitenta e sete

anos e fico na cama por um ano sem fazer nada terei oitenta e oito anos.

'Todos podemos envelhecer. Não requer talento nem habilidade para isso. O importante é que amadurecemos encontrando sempre a oportunidade na mudança'.

'Não me arrependo de nada. Nós velhos geralmente não nos arrependemos do que fizemos senão do que não fizemos. Os únicos que temem a morte são os que têm remorso'.

Terminou seu discurso cantando 'A Rosa'. Nos pediu que estudássemos a letra da canção e a colocássemos em prática em nossa vida diária. Rose terminou seus estudos. Uma semana depois da formatura, Rose morreu tranquilamente enquanto dormia.

Mais de dois mil estudantes universitários assistiram as honras fúnebres para render tributo a maravilhosa mulher que lhes ensinou com seu exemplo que nunca é demasiado tarde para chegar a ser tudo o que se pode ser.

"Não esqueçam que ENVELHECER É OBRIGATORIO; AMADURECER É OPCIONAL".

Autor desconhecido

O mundo é um livro, e quem fica sentado em casa lê somente uma página.

Santo Agostinho

Liberdade, a virtude dos filhos de Deus

ADITAL
(Deus criou livres a todos)

Mesmo que não se queira dogmatizar a compreensão do tema liberdade, é imperioso que se busque a formação de juízos aproximados, como a possibilidade de uma pessoa fazer suas próprias escolhas e colocá-las em execução. Ser livre é um direito natural que todo o ser humano tem. Então, surge a questão: o que é ser livre?

No início da década de 80, libertação era uma palavra tabu, torciam o nariz... os "libertários" eram malvistas, muitos foram perseguidos, mandados calar, pressionados até o desespero. Só restaram os leigos,



Carmen Sílvia Machado Galvão *

que não deviam obediência a nenhuma autoridade religiosa. Muitos tinham medo da censura e só escreveram coisas superficiais, catequese, liturgia, devocionários populares, etc.

Nada que comprometesse. Com isto perdeu o pensamento teológico da Igreja do Brasil, que pouco evoluiu, em comparação com o de outros países da América Latina, da Europa e até da Ásia. Quem combateu a teologia da libertação talvez não tenha se dado conta do mal que fez à Igreja, uma vez que "nosso Deus é um Deus libertador". Esta assertiva não provém da produção dos teólogos latino-americanos, mas é encontrada nas Sagradas Escrituras:

Javé disse: "Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso, desci para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel, o território dos cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus. O clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e eu estou vendo a opressão com que os egípcios os atormentam. Por isso, vá. Eu envio você ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel" (Ex 3, 7-10).

O Senhor é minha rocha, minha fortaleza, meu libertador (2Sm 22,2);

Javé é meu libertador (Sl 18,3); As ações libertadoras de Javé são a prefiguração da práxis de Jesus Cristo, libertador definitivo dos homens. Assim como Javé o foi do povo hebreu a partir daquela primeira páscoa, Jesus é para nós e será sempre para as gerações futuras o Go'el (libertador). Ao seu povo, servil a tantos cativos, ele lança a promessa de libertação, que nada mais é que uma antecipação do evangelho libertador (cf. Is 52,2/ 61,1).

"Assim como acontece com a verdade, ninguém é dono da liberdade, apenas Deus que a concede como um dom. Desta forma não se admite que alguém diga como é e

como não é a libertação. Ela é dom e se manifesta conforme o Espírito suscita, no interior da Igreja-comunidade e diretamente no coração de cada um.

É isto que a liberdade proporciona. Em Jo 8 Jesus, ao dizer que a verdade nos libertará, faz a união, estabelece o diálogo entre a libertação (que é luz) e a verdade, que é ele próprio. Por isto, anima o povo ao afirmar que a libertação (com ele) está chegando aos que crêem:

[...] levantem-se e ergam a cabeça, porque a libertação de vocês está próxima (Lc 21,28).

"A entrega na cruz subentende liberdade. Ela é história do Filho, história do Pai e do Espírito. Sob o aspecto teológico da fé, liberdade é adesão, vida cristã renovada e espiritualidade. Na liberdade que se comunica com a luz brota a vida nova, abundante. A gente pede a Deus água e ele dá um regato, um manancial, uma cascata... pede-se uma flor e ele dá um jardim, uma plantação de rosas... A quem pede uma árvore ela concede uma floresta, cheia de sombras, paz e perfume silvestre... Liberdade é graça e opção. Os textos do Novo Testamento nos revelam que a liberdade cristã deságua em três questões:

1. Do pecado (Jo 8, 31-36; Rm 6,18-23)

- é operada por Jesus Cristo e consiste na vocação em renunciar à injustiça e toda a espécie de mal. Organiza a vida cristão pelo poder do Espírito Santo e transforma-se - pelo amor - em doce servidão a Deus.

2. Da lei que escraviza (At 15,10; Rm 8,2; Gl 2,4; 5,1.13)

- Às vezes a excessiva preocupação com a lei se transforma em um jugo. O que salva é a graça e não a lei; o que liberta o homem da vontade de pecar é a conversão e não o temor das sanções da lei. Certas leis, por injustas, anacrônicas e autoritárias ensejam o desejo de pecar.

3. Da morte (cf. Rm 6,23; 7, 9ss; 1Cor 15,56)

- Pecado e morte são juízos afins, pois um está ligado ao outro num contexto de nexos causal. Assim como o coração do homem está dividido entre amor e egoísmo, também em sua existência se debatem vida e morte. Alei do Espírito que dá a vida é um novo dinamismo interior que, com a própria vontade de Deus, liberta o homem da lei do pecado e da morte eterna.

“Não é teu aquilo que distribuis ao pobre, estás apenas lhe restituindo o que é dele. Porque foste tu que usurpaste aquilo que é dado a todos para o bem de todos.

A terra pertence a todos, e não aos ricos”.

Santo Ambrosio – SurNaboth, XII, 53, PL, 14, 747 B, ibid., p. 252.
Este texto é citado pela encíclica Populorum Progressio, n. 23

A partir de Jesus Cristo, Deus e homem, se instaura no mundo uma práxis capaz de restaurar a criação desfigurada pelo pecado, que tem raízes no mau uso da liberdade. Jesus vem libertar a vida das garras da morte e projetá-la para a liberdade integral, conforme o projeto do Pai. Nesse processo, o cristão, membro do povo de Deus é agente de destinatário da libertação.

A libertação que não levar em consideração a liberdade pessoal daqueles que por ela combatem, está, de antemão, condenada ao fracasso. O sentido primário e fundamental da libertação, que se manifesta na história humana, é o sentido soteriológico (refere-se à salvação); o homem é libertado da escravidão radical do mal e do pecado.

Ele nos arrancou do poder das trevas e nos introduziu no Reino de seu Filho muito amado (Cl 1,13).

** Carmen Sílvia Machado Galvão é Teóloga leiga, socióloga e escritora*

Nossos bispos estão insistindo no retorno às fontes de missão

Itamar D. Bonfatti*

No índice analítico do DOCUMENTO de APARECIDA (ed. Paulus- 2007) elaborado no V CELAM em maio-2007 as palavras MISSÃO/MISSIONÁRIO estão citadas 176 vezes! Nossos Pastores apontam naquele texto necessidade de uma inversão de foco na ação pastoral privilegiando ao máximo para o agora e na continuidade deste século XXI, ação MISSIONÁRIA para a Igreja que está na AMÉRICA LATINA e CARIBE bem no rumo do transformar humanizando, fermentando e salvando para anunciar e com isso evangelizar.

Antes bom recordar fatos bem remotos para se entender melhor a andança do Povo de Deus. Aliás sempre lembrar que faz parte do nosso profetismo o avaliar e comparar constantes dos acontecimentos para que nada fique descolado da realidade.

No séc. XI foi criada a divisão territorial de paróquias tentando contornar conflitos territoriais e eco-

nômicos que aconteciam para responder exigências de um contexto rural naquela Europa na Idade Média – espaço do séc. V ao séc. XV- tempo quando Párocos tiveram de assumir o trabalho contudo sem a necessária formação. No séc. XIII tal fato levou posteriormente as chamadas ORDENS MEDICANTES – Franciscanos, Dominicanos, Carmelitas e os Eremitas de Sto. Agostinho – a ocuparem lugar do referido clero na coordenação paroquial por terem elas melhor formação. Bom lembrar que as ditas Ordens viviam fora de mosteiros em absoluta pobreza diferente de monges outros que viviam em latifúndios. As Ordens Mendicantes tiveram decisivo papel

na reforma da Igreja da época e mais tarde muitas delas vieram para a América Latina acompanhando a expansão colonial de Portugal e Espanha, atitude típica de um modelo de cristandade, comportamento hoje ultrapassado por ser de um tempo que lá se foi..

Ao nosso Continente (séc XVI) chegaram inicialmente os Franciscanos e os Dominicanos enquanto os Jesuítas



tas, como se sabe, aportaram no Brasil também na mesma época. No final do séc. XIX – após grandes passadas no tempo – com um quadro pequeno e despreparado de padres brasileiros, jeito foi as Paróquias serem assumidas por outras Congregações, todas européias criando nas mesmas uma estrutura obviamente também européia dadas suas origens, portanto dentro de uma realidade diferente da nossa. Embora bem fundamentados na formação não constava obviamente na preparação daquele clero-fato mais do que compreensível – a MISSIONARIEDADE, exigência para um Continente de urgências e apelos tão diferentes como aquelas do Velho Continente. Afinal aqui chegando cumpriam o que havia determinado o Concílio Vat. I (1889/1870), vale dizer, o implante do modelo da chamada ROMANIZAÇÃO.

Agora outro tempo, outra realidade. Estamos agora na metade do séc. XX quando na América Latina – em alguns Países mais e em outros menos – teve início a sociedade industrial e com ela a migração rural seguindo-se a urbanização e a tiracolo a continuidade cada vez maior do processo da secularização. Não por menos que no DOCUMENTO de SANTO DOMINGO (1992) elaborado no IV CELAM em seu nº 257/258 já sugere o “reprogramar a paróquia” em unidades bem menores para facilitar o aprofundamento na fé e o relacionamento entre as pes-

soas dentro de uma sociedade tão diferente daquela organização rural das cidades latino-americanas. Renovar as Paróquias foi insistência também do DOCUMENTO de APARECIDA para “enfrentar o sentimento de impotência diante das grandes dificuldades das cidades” (nº 513).

No DOCUMENTO de APARECIDA há três retornos aos DOC. de MEDELLIN (1968) e PUEBLA (1979): a volta do método VER-JULGAR-AGIR, a insistência na opção preferencial pelos empobrecidos e a palavra “libertação” expressa através das palavras “promoção humana e autêntica libertação”... “para promover todos os homens e o homem todo”. (nº 399).

Os Bispos em Aparecida reforçam também o PROTAGONISMO do LAICO “enquanto discípulos e missionários à luz da Doutrina Social da Igreja” que deverão ser preparados “para intervir nos assuntos sociais” (nº 400) além da necessidade de se promover cada vez mais a reflexão bíblica. Insistem ainda que a MISSIONARIEDADE deverá buscar o aprofundamento dos dons do Espírito Santo (1Cor.12,4-11;27-30) recordando que o primeiros deles é justamente o APOSTOLADO portanto MISSÃO do LAICATO.

Por ai felizmente já acontecem conflitos, consequência de uma ação que não mais privilegia

show-missas tão a gosto de uma pastoral espetacularizada de tv que não muda nada, não termina nunca mas que muita gente ainda gosta, contudo muito distante dos compromissos com a justiça e com todas formas de humanização. Poderá parecer simplista esta crítica mas é apenas simples assim! Refletir ao redor de tudo isso será bom porque somente na tensão dos diferentes

surgirá o novo tão a gosto do Espírito Santo de Deus. Daí que não poderemos abandonar a Esperança. Assim aconteceu também naquele pós-Concílio Ecumênico Vat. II (1962-1965) com as suas novas propostas, vale dizer, tensões, renovações, transformações e conquistas.

Itamar D. Bonfatti
MFC-Juiz de Fora Mg.

“A sabedoria não nos é dada. É preciso descobri-la por nós mesmos, depois de uma viagem que ninguém nos pode poupar ou fazer por nós.”

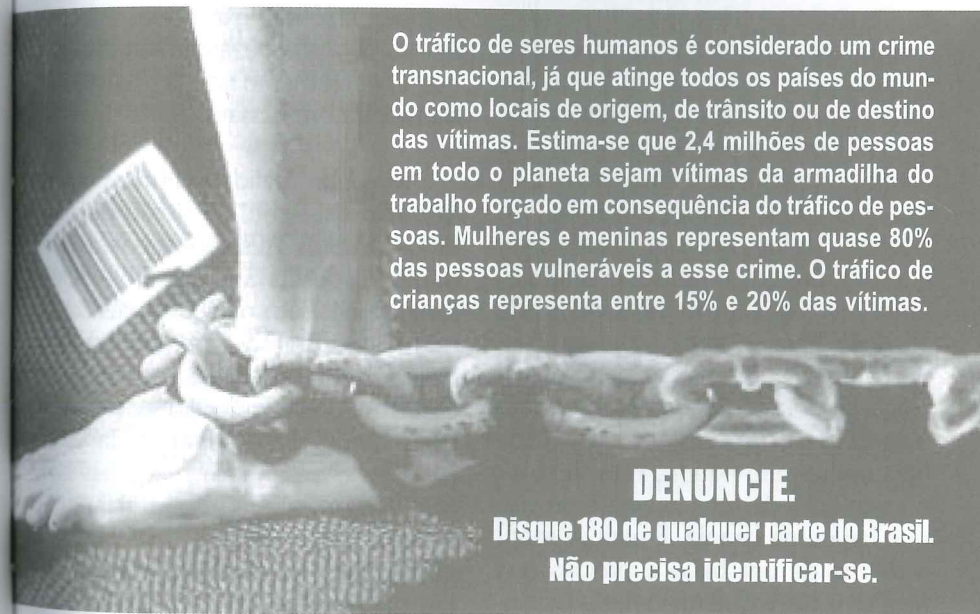
Marcel Proust

UTILIDADE PÚBLICA

O tráfico de seres humanos é considerado um crime transnacional, já que atinge todos os países do mundo como locais de origem, de trânsito ou de destino das vítimas. Estima-se que 2,4 milhões de pessoas em todo o planeta sejam vítimas da armadilha do trabalho forçado em consequência do tráfico de pessoas. Mulheres e meninas representam quase 80% das pessoas vulneráveis a esse crime. O tráfico de crianças representa entre 15% e 20% das vítimas.

DENUNCIE.

Disque 180 de qualquer parte do Brasil.
Não precisa identificar-se.



Nota dos Editores: Por lamentável falha deixamos de creditar ao consagrado autor a autoria do texto "A arte de ouvir", publicado em nossa última edição. Com as nossas desculpas voltamos a publicar, com muita alegria e reconhecimento, um novo texto seu.

O sexto sentido

Rubem Alves*

Os cinco sentidos são, a um tempo, seres da "caixa de ferramentas" e seres da "caixa de brinquedos". Como ferramentas os sentidos nos fazem conhecer o mundo. A cor vermelha no semáforo diz que é preciso parar o carro. O som da buzina chama a minha atenção para um carro que se aproxima. O cheiro estranho na cozinha me adverte de que o gás está aberto. Como brinquedos os cinco sentidos me informam que o mundo está cheio de beleza. Eles são órgãos sexuais: com eles fazemos amor com o mundo. Dão-nos prazer e alegria.

Os cinco sentidos, para realizarem suas funções de poder e prazer, exigem a presença do objeto a ser conhecido ou a ser amado. Para sentir a beleza de um ipê florido é preciso que haja ipês floridos – como agora. Em julho os ipês rosa, em agosto os ipês amarelos, em setembro os ipês brancos. Já até sugeri que um músico compusesse uma sinfonia em três movimentos dedicada aos ipês. Para se sentir a beleza triste do canto de um sabiá é preciso que haja um sabiá cantando. Para se sentir o perfume de um jasmim é preciso que haja um jasmim florido. Para se sentir o gosto bom de uma laranja é preciso que haja uma laranja. E para se sentir a delícia de um beijo é preciso que haja uma boca que me beije... Os cin-

co sentidos só fazem amor com coisas existentes, no presente. Eles vivem no "aqui" e no "agora".

Mas há um sexto sentido dotado de propriedades mágicas, um sentido que nos permite fazer amor com coisas que não existem... Esse sentido se chama "pensamento".

Digo que o pensamento é um sentido mágico porque ele tem o poder de chamar à existência coisas que não existem e de tratar e as coisas que existem como se não existissem. E é dele que surge a grandeza dos seres humanos. O pensamento nos dá asas, ele nos transforma em pássaros!

"Mas que realidade têm as coisas que não existem?", poderão perguntar os filósofos. Aí serão os poetas que darão respostas aos filósofos. "Que seria de nós sem o socorro das coisas que não existem?", perguntava Paul Valéry. E Manoel da Barros acrescentaria: "As coisas que não existem são mais bonitas..." Leonardo da Vinci pensava e desenhava máquinas que não existiam e que só poderiam existir num futuro distante. Mas que alegria aquelas entidades não existentes lhe davam! Por isso ele as guardava

como segredos perigosos que, se conhecidos, poderiam levá-lo à Inquisição. Mas o prazer valia o risco.

Beethoven estava completamente surdo. No seu mundo os sons não existiam. Mas do silêncio dos sons que não existiam ele fez surgir, no seu pensamento, a Nona Sinfonia, que canta a alegria da vida.

Faz uns meses resolvi reler o Cem anos de solidão, do Gabriel Garcia Marques. Que amontoado de não-existent! Invenções de alguém que trata o existente como se não existisse. Pensei, de brincadeira, que ele deveria estar bêbado quando escreveu o livro, tantos são os absurdos maravilhosos que ele constrói. Uns tolos disseram que aquele livro era uma parábola sobre a América Latina. Ou seja, disseram que o livro falava sobre uma coisa que existia: o realismo fantástico de Gabriel Garcia Marques, depois de passar pelo crivo da hermenêutica, nada mais seria que uma crônica histórica disfarçada. Nada mais longe da verdade.

O livro Cem anos de solidão só existe no espaço imaginário do que não existe. E apesar de saber que aquilo que estava escrito era mentira, que nunca acontecera porque era impossível que acontecesse, eu ri, sofri, vivi. Meu corpo fez amor com o inexistente. O que não existe nos faz viver. Não vivemos só de pão. Somos comedores de palavras. E as palavras operam em nós estranhas transformações. Quantas pessoas eu degolei com minha espada de samurai ao ler o Sho-gun!

Que extraordinário exercício de alienação é a literatura! Mergulhados num livro a realidade que nos cerca deixa de existir. Estamos inteiramente no mundo do pensamento. Se Marx estava certo ao afirmar que "o homem é o mundo do homem" então, na literatura, tornamo-nos criaturas dos muitos mundos da fantasia. Tornamo-nos personagens de uma história inventada, "atores" de teatro. "Não é incrível que um ator, por uma simples ficção, um sonho apaixonado, amolde tanto sua alma à imaginação, que todo se lhe transfigure o semblante, por completo o rosto lhe empalideça, lágrimas vertam dos seus olhos, suas palavras tremam e, inteiro seu organismo se acomode à essa mera ficção? (Shakespeare, Hamlet, ato 2º, cena II). Os atores são seres alienados da realidade por estarem vivendo totalmente no mundo da ficção. É nisso que se encontra "a virtude paradoxal da leitura, que consiste em fazer-nos abstrair do mundo para lhe encontrarmos um sentido." (Daniel Pennac, Como um romance, ASA, Portugal, p. 17). Todo artista é um fingidor. Todo leitor tem de ser um fingidor. Fingir, brincar de fazer de contas, tratar as coisas que são como se não fossem e as coisas que não são como se fossem! É dessa loucura que surgem as mais belas criações da arte e da ciência. Por isso eu me daria por feliz se a educação fizesse apenas isso: introduzir os alunos no mundo mágico do pensamento tal como ele acontece na literatura.. Quem experimentou a magia do pensamento uma única vez não se esquece jamais...

* Rubem Alves é Teólogo e escritor

Onde Estava Deus?

Antônio Mesquita Galvão *

ADITAL

Em minha tese de doutorado em Teologia Moral, a respeito da misteriosa existência do mal ("Deus é bom. Então por que existe o mal?"), deparei-me com essa questão, indagando onde estaria o Criador quando atrocidades e acidentes da natureza ocorriam. Primeiro foi no "terremoto de Lisboa" (retratado no "Cândido", de Voltaire), depois nas tragédias de Auschwitz, onde milhões de judeus foram eliminados.

A filósofa Susan Neiman detecta com maestria que a empreitada da modernidade atinge seu impasse no Holocausto. Em sua obra "O mal no pensamento moderno" (Ed. Difel, 2002), Neiman afirma que se a humanidade perdeu a fé na natureza, em Lisboa, é provável que tenha perdido a fé em si mesma em Auschwitz, que foi conceitualmente devastador porque revelou uma possibilidade que se esperava não ver: seres humanos comportando-se como demônios.

Todas as discussões filosóficas sobre o assunto insistem no ponto



de que as condições na Europa apontavam além da barbárie das câmaras de gás, mas para a falência ética da civilização. A questão "Deus onde estás?" parece um clamor desesperado de quem perdeu a fé. Mas não.

Recentemente o papa Bento XVI foi à Polônia e, corajosamente fez questão de visitar Auschwitz. Nessa visita, chocado com o que ali ocorreu, ele fez um desabado: "Onde estava Deus que permitiu tudo isto?". O local é tão tétrico que os visitantes chegam a sentir o cheiro de coisa queimada, mais de sessenta anos após o fechamento dos fornos crematórios. As reações da comunidade internacional mostram que o episódio não foi superado e que as feridas ainda estão abertas. Em termos de ética e valores a última palavra sobre o holocausto ainda não foi dita.

Sintomaticamente, alguns segmentos da mídia e dos grupos de ateus e de certas sociedades secretas atribuíram à fala de Ratzinger um vacilo na fé, pois um papa não poderia – segundo eles – duvidar da presença de Deus. Outros entenderam tratar-se de uma explosão emocionada de um ser humano, idoso, diante do mal, que o homem livre pode cometer. É terrível a liberdade humana. Sartre chegou a afirmar que "o homem é condenado à liberdade". Não se trata, com certeza, de vacilos de fé, mas é como que uma

explosão de indignação, incontida diante da manifestação da maldade humana.

O próprio Jesus, na cruz, diante da barbárie cometida por seus inimigos, repetindo um salmo, questionou: "Meu pai, por que me abandonaste?". Seria Jesus um homem sem fé? Ou, na impotência humana diante da violência, questionou os corações que se fecharam a Deus?

Em 1944, num campo de concentração, em represália por algumas fugas, os nazistas enforcaram um menino judeu de oito anos. Enquanto a criança se debatia nos esgares da morte, alguém pergun-

tou: "Onde está Deus?". Alguém que assistia aquela cruel execução apontou para a vítima e falou: "Está ali, pendurado naquela corda!". O fato incontestemente da presença de Deus indica que mesmo naqueles momentos de aparente fracasso, quando parece que o mal venceu, a presença de Deus ao lado de quem sofre é uma realidade palpável e inconteste. Mesmo na dor, no silêncio e num improvável abandono, ele nunca de se fazer presente. É preciso enxergá-lo. E buscá-lo.

Deus não criou o mal, mas respeita a liberdade de quem o pratica. Isto é um mistério que foge à compreensão, mesmo dos especialistas. Já que não podemos penetrar no âmago do mistério, cabe-nos evitá-lo e combatê-lo.

Mesmo as pessoas que se dedicam ao estudo e à pesquisa da teologia e filosofia, e aí se inclui o homem Joseph Ratzinger, apenas conseguem tatear, tangenciando perifericamente

a questão do mal, que é um mistério. Deus não criou o mal, mas respeita a liberdade de quem o pratica. Isto é um mistério que foge à compreensão, mesmo dos especialistas. Já que não podemos penetrar no âmago do mistério, cabe-nos evitá-lo e combatê-lo.

* Antônio Mesquita Galvão é Doutor em Teologia Moral

Onde fica o céu?

Jorge Leão *

Ainda vigora entre nós um discurso religioso amortecedor das reais implicações da vida. Nos meios católicos e protestantes, estatisticamente os grandes representantes do cristianismo no Ocidente, é possível ainda ouvir-se expressões como “céu, inferno e purgatório” como lugares, dimensões físicas, de caráter póstumo, isto é, espaços geográficos situados além da morte. Vigora ainda a triste idéia de que a morte, por si mesma, seria capaz de amenizar as culpas e máculas de alguém, pelo simples fato de desejarmos que um ente querido, já falecido, esteja na eternidade, ao lado de Deus, como a dar a ele um prêmio automático.

São visões de Deus bastante infantis, que endossam uma relação de profundo distanciamento com a realidade. Muitos seguimentos intitulados “cristãos” promovem atualmente uma liturgia sensualista, onde as pessoas precisam de um manto branco, ou de medalhas no peito, ou mesmo das propagandas bênçãos. É impressionante como há bênçãos hoje nos lembretes ao final das liturgias; há bênçãos para tudo, para garganta mal curada, para empresários falidos, para filhos que irão fazer o concorrido vestibular,

ritos especiais onde se encontram velas com poderes de expulsar os males que se fincam na casa dos devotos, corredores abençoados por gritos e êxtases, as romarias e caravanas para verem formigas que tecem a face de Maria em folhas caídas pelo chão, peregrinações e sacrifícios a santuários exigindo esforços corpóreos ultrahumanos, e tantas outras proclamações de crença ritualista, que em nada aprofunda o amor e a justiça, os pilares centrais da mensagem de Jesus de Nazaré para a vida concreta, sem disfarces pretensamente imaculados ou estratégias psicológicas de sedução pelas fraquezas ou necessidades materiais de quem neste tipo de crença adentra. Fato este que facilita por demais a entrada neste falso céu geográfico, que nos distancia da mensagem de Jesus de Nazaré.

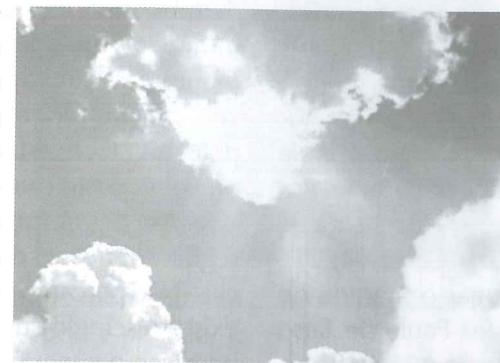
Isto é, em muitos discursos religiosos de hoje há práticas de alienação patrocinadas por televisão e rádio, que não fazem nada mais que fabricar ilusões e mentiras para o povo, pois, nestes lugares, não interessa a verdade, mas uma manutenção garantida de benesses e privilégios com o poder político constituído. Assim, vemos também denominações religiosas das mais variadas origens proclamando nada mais do que marketing religioso, muito bem

elaborado por sinal, apenas com o intuito de ter já aqui na terra o desejado céu sem dívidas, problemas e contradições, como prega há séculos os poderes religiosos que se dizem cristãos. É um céu que o ego fabrica. É ganhar na loteria de Deus. É ter sozinho a mega-sena acumulada por anos e anos de serviços prestados à igreja do Senhor. A recompensa então é o justo prêmio, e um lugar no céu, a vitória merecida.

Mas falar disso em público, e pior ainda dentro das igrejas, amedronta um vasto segmento de prosélitos que julgam e condenam a quem o faça de “herege”, ou de “falso profeta”. A reação hoje é tão violenta quanto

nos tempos de Jesus ou na Idade Média, apenas a forma mudou e se aperfeiçoaram os métodos. Não se acendem mais fogueiras, mas se impõe o silêncio àqueles que porventura ousarem transpor os limites da crença institucional e adentrar fundo no Evangelho do Cristo. Proíbe-se a publicação de livros de teólogos considerados desobedientes e perniciosos. Cala-se a voz dos pastores que andam ao lado dos pobres, e contra o poder dominante dos chefes e autoridades que se sentam nas primeiras

poltronas dentro das catedrais. Infelizmente, percebemos que permanecer preso a um discurso marcado por interesses humanos estreitos e opressores sempre foi uma marca histórica das religiões cristãs no Ocidente, isso, como sabemos, desde Constantino Magno, no início da falsificação da mensagem do Cristo em doutrina religiosa, com o Editto de Milão, em 312 d.C. Mas, como se sabe pelo Evangelho, o medo só nasce da ignorância, e todo mal se abate àquele que desconhece que a



mensagem do Reino de Deus não possui amarras com a ideologia da culpa, da punição ou de um falso céu póstumo. O Mestre já advertira:

“Não tenhais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino!” (Cf. Lc 12, 32), e ainda: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” {Cf. Jo 8, 32}.

Entretanto, para muitos líderes religiosos ditos “cristãos”, seduzidos pela situação cômoda de gozar de um status social privilegiado, não seria interessante proclamar a verdade às claras. Isso desmoronaria um castelo de cartas armado há séculos para enganar as massas, inviabilizando a elabo-

ração de uma liturgia dominical repleta de sensacionalismos, como a dizer: “esperem mais um pouco, rebanho obediente, Jesus já está chegando”. Enquanto isso, nós, como Pedro em suas negações, covardemente esquecemos que este mesmo Jesus causou divisões em seu tempo (Cf. Lc 12,51; Mt 10,34), a começar pela própria estrutura religiosa do templo de Jerusalém (Cf. Jo 9, 13-41; Mt 23, 13-32), responsável pela conspiração de seu assassinato (Cf. Mt 26,1-5). Mas, como se observa hoje, é mais cômodo dizer que Jesus veio ao mundo para padecer por nossos pecados, como ovelha obediente aos seus algozes, do que trazer uma mensagem de libertação integral ao ser humano, a partir do livre-arbítrio de cada um, e da responsabilidade em assumir tal decisão, a que Jesus chama de “carregar a sua cruz” (CL Lc 14, 27). É mais fácil proclamar o martírio do cordeiro (como o fez Paulo de Tarso em sua carta aos Romanos, ver Rm 5, 8-10) do que caminhar passo a passo com ele rumo ao Gólgota. Assim, entra ano e sai ano e os discursos sobre a morte e paixão de Jesus se repetem para manter o mito oportuno do bode expiatório. É importante que alguém morra para amenizar nossas culpas e nos livrar do inferno. É oportuno administrar a mentira, para receber um prêmio celestial depois da morte, onde todos os que proclamaram e seguiram a mesma mentira se encontrarão, segundo o seu desejo, para dizer: “viram como foi necessário todo

aquele suplício na terra? Afinal de contas, onde estamos agora? No céu... E aqueles arruaceiros, os hereges, inimigos da igreja? Todos no inferno, que é o lugar dos que desobedecem a Deus e aos seus santos ministros!”...

Enquanto isso, na periferia do mundo o diabo anda solto, e o povo empobrecido permanece excluído das igrejas em seus cultos dominicais, com sua voz calada pela fome, pelo tráfico de drogas, pela morte de crianças por desnutrição, pela falta de escolas públicas e hospitais que atendam às suas necessidades materiais mínimas, por doenças estrategicamente proclamadas como “incuráveis”, enfim, por calçadas invadidas pelo esgoto mal-tratado de nossas orações dominicais. Vejamos, então, que tipo de pregação nós estamos a seguir em nossos encontros dominicais. Não percamos de vista que “não existe discípulo superior ao mestre, nem servo superior ao seu senhor” (Cf. Mt 10,24). Por isso, toda garantia de um céu exclusivista, fechado em seus dogmas e em suas colunas de bronze e calçadas de mármore, serve justamente para distanciar a mesma massa faminta da raiz de seus problemas, a saber, o egoísmo humano, manifestado historicamente pelo sistema capitalista, dominante a partir das grandes navegações europeias, empreendidas com o aval do catolicismo romano e depois pelo protestantismo, a partir do século XVI,

vindo a dizimar povos, culturas e tradições em nome de um falso Deus.

Ora, como se observa, o discurso sobre o céu geográfico constitui apenas uma das inúmeras facetas de domínio ideológico religioso contemporâneo, que é muito mais violento que a morte na fogueira medieval, pois passa sutil e silenciosamente de geração em geração, a cada novo discurso mentiroso que se fabrica dentro das igrejas, reproduzindo, a partir das crianças, a imagem de uma recompensa final todo o bem que fizemos aqui na terra. Com isso, a liberdade de proclamar a verdade foi perdida, e hoje se encontra completamente calada; no momento em que se optou pelo poder político, e por todos os privilégios advindos dos anéis de ouro nos dedos e da cruz pendurada na parede de nossas repartições públicas. É bem mais interessante para o ego, que é alimento pelo poder, pelo ter e pelo prazer (Cf. Mt 4, 1-11; Lc 4, 1-13), ser aclamado como autoridade e representante oficial de Deus na terra, e como vínculo de aproximação com o próprio Deus, por ter um cargo dentro de uma hierarquia eclesiástica. Isso sempre encheu os olhos dos que se deixam seduzir pelas tentações do deserto do ego, afastando-se do



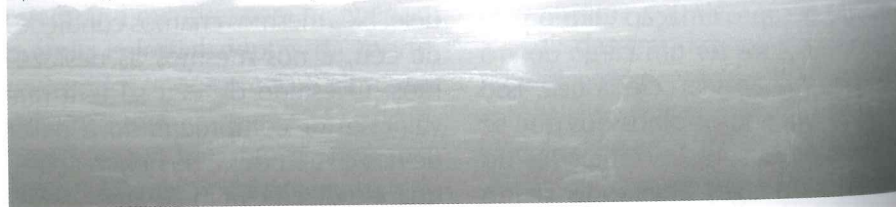
Mestre de Nazaré, que, como nos diz “Evangelho, “não tinha onde reclinar a cabeça” (Cf Mt 8, 20), e que enxugou os pés de seus discípulos, e proclamou: “se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (Cf. Mc 9, 35). Essas verdades, para serem libertadoras, precisam partir de alguém que não tenha compadrio com o dinheiro, com o prestígio e com a imaculada bajulação das autoridades farisaicas que continuam esperando seu lugar

no céu, certamente, pela última reforma no teto da catedral da cidade. Vejamos e escutemos o Evangelho do Cristo, estando atentos à voz do Mestre: “Ninguém pode servir a dois senhores” (Cf. Mt 6, 24a).

Por isso, assim como nos ensina o Evangelho, o céu é um estado de espírito, de nossa consciência, e está dentro de cada um de nós e no meio de nós (Cf. Lc 17, 20-21), pela nossa livre adesão ao amor e à justiça, assim como o inferno de nossas culpas e pecados. Nós mesmos criamos nosso inferno, e nós mesmos saímos dele. Nós mesmos criamos condições de céu, e nós mesmos as desfazemos. O estado de céu só terá real valor se for compreendido a partir de nossas atitudes e de nossas ações, quando dizemos sim ao amor, à jus-

tiça e à fidelidade ao projeto de Jesus de Nazaré. Por isso, o Mestre proclama o amor a Deus e ao próximo como a si mesmo, como os pilares de toda aproximação com o Reino de Deus (Cf. Mc 12, 28-34). Não nos iludamos com o infantilismo de um céu pronto em algum lugar pós-morte, pois ele é construído pela consciência do indivíduo transformado e pelo seu vínculo com a comunidade, que atende ao chamado de seguir e proclamar como irmãos o Reino de Deus, com todas as implicações que tal decisão oferecer, pois seremos conhecidos pelos frutos que dermos (Cf. Mt 7, 20) e pelo amor com que nos amarmos (Cf Jo 13,35).

Em Jesus, o Reino de Deus inicia-se com a santificação do Nome de Deus, e se manifesta pelo cumprimento de sua vontade, tanto na terra como no céu (Cf. Mt 6, 9). Ele não é feito de ritos ou imagens externas, para satisfazer a vontade de acolhimento daqueles que se sentem abandonados ou mal-amados pelos outros, pelo simples fato de desejarem que todos reconheçam que ele ou ela é cristão ou cristã, pelo simples fato de estar ligado a alguma igreja institucional. Deus vê a intenção em segredo (Cf. 6,16-18), não o calo dos joelhos em



dias de procissão. Deus é conhecido no silêncio de nossa conversão diária, não nos gritos evasivos de nossos choros e alaridos psicológicos. O Reino de Deus é dom gratuito, não exige sacrifícios, longas caminhadas ou feitos mirabolantes, para chamar atenção de quem sobrevive de holofotes (Cf. Lc 11, 39-48). O céu de Jesus, não aquele fabricado por muitos discursos dominicais de hoje em dia, é o céu do serviço, que não se importa em propagar em rede de televisão curas milagrosas, mas de verdadeiramente promover uma mudança radical de atitude no interior de cada pessoa. Por isso, a mensagem de Jesus de Nazaré se fundamenta na morte do grão de trigo (Cf Jo 12, 24), isto é, de nosso velho homem, ainda aprisionado e controlado pelo desejo de poses e reconhecimento social. A purificação da alma somente ocorre com a transformação da mente. E a isso chamamos de Reino de Deus entre os homens e mulheres de boa vontade. Portanto, as ações fecundadas pelo amor serão naturalmente as consequências dessa adesão, livre e consciente, ao projeto de Jesus de Nazaré. A isso então chamamos de "céu".

** Jorge Leão é Professor de Filosofia do CEFET-MA e membro do Movimento Familiar Cristão em São Luís - MA.*

Passagens

Dulce Critelli*

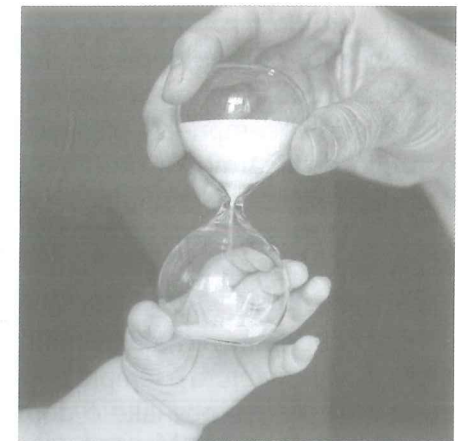
As flores costumam durar poucos dias, um espetáculo duras umas duas horas. Duramos entre um dia e outro, entre um mês e outro, entre os nossos afazeres e compromissos. Duramos entre nosso nascimento e nossa morte.

O tempo é nossa condição de vida. Diz o filósofo alemão Martin Heidegger: o homem não tem tempo, ele é um tempo que se esgota, se emprega, se consome. Por isso, contabilizamos a vida entre antes, agora e depois, entre passado, presente e futuro, entre o logo mais, o há pouco, o neste instante.

O interessante é que, o tempo é tão presente e imediato que nem o percebemos. E, em épocas de passagens tão convencionais, como o fim de ano, essa consciência parece vir à tona.

Reclamamos por não conseguirmos terminar a tempo nossos afazeres. Lamentamos ter que levar para o próximo ano coisas indesejáveis, como dores, dívidas, desavenças... E não nos conformamos com coisas que não poderemos levar.

Momentos especiais de passagem nos põem de cara com o tem-



po, especialmente com o futuro. Nossa tradição nunca o privilegiou, embora viva para ele. Privilegiou o passado.

Acredita-se que o passado determina nossa identidade, que ser quem somos, hoje, depende exclusivamente do que já fizemos e dissemos. Mas não é verdade. É o futuro que assegura nossa identidade, pois, se não pudermos continuar agindo como antes, o que fomos não poderá se sustentar.

Não basta ter sido justa minha vida inteira se no próximo gesto eu cometer uma injustiça. É sempre o próximo gesto, o próximo passo, a próxima palavra, aqueles que importam para manter a pessoa que tenho sido. E só eles podem desmanchar no ar uma identidade firmada por toda a vida.

O passado é frágil, porque depende da memória. Perdida a me-

mória, perdido o passado. E o futuro é incerto, porque depende das promessas que fazemos. Se não nos obrigarmos a cumpri-las, pagamos o preço de ficarmos à deriva no mundo, à mercê de contradições e de atender a chamados que não têm a ver com nosso destino.

Embora prioritário na movimentação da vida, o futuro é sempre obscuro. Não porque nos falte o dom de adivinhá-lo, mas, porque ele não existe ainda. É feito de sonhos e promessas. Se nossos sonhos se realizarem e nossas promessas serão cumpridas, depende do empenho que vamos dedicar a eles.

Mas não é só essa dedicação que garante a realização de sonhos e promessas. Cada gesto que fazemos nessa direção é recebido pelos outros com quem convivemos, que completam nosso gesto e podem dar outro rumo para o que iniciamos.

Nossos atos apenas começam um



acontecimento. Provocam reações em cadeia, e seus resultados são sempre imprevisíveis. E serão impossíveis se não contarmos com a colaboração dos outros. Só o sonho que se sonha junto é realidade, cantava Raul Seixas.

Épocas de passagens nos fazem tomar contato com tudo isso. E o que mais exigem de nós é renovação: capacidade de prometer, disponibilidade para conquistar colaboradores e se comprometer com eles, coragem para iniciar e dedicação para empreender.

DULCE CRITELLI, terapeuta existencial e professora de filosofia da PUC-SP, é autora, de "Educação e Dominação Cultural" e "Análise de Sentido" e coordenadora do Existência-Centro de Orientação e Estudos da Condição Humana

critelli@iexistencia.com.br

*Transcrito do Caderno
Equilíbrio da Folha de São Paulo*

Por que existe o mal?

Antônio Mesquita Galvão *

A maioria das formulações ontológicas, aquelas que se referem diretamente ao ser, apontam o mal como consequência da liberdade humana mal conduzida. Tanto é assim que J. P. Sartre († 1980) chega a afirmar que o homem nasce "condenado à liberdade", tamanho o risco que essa virtude desencadeia sobre o comportamento humano.

A morte de tantas vítimas que diariamente bordam de sangue os jornais e os noticiários da tevê nos revelam a extensão do drama de uma sociedade colocada à mercê do mal. O móvel dos crimes e suas motivações a gente sabe. Os criminosos assaltam e matam porque têm liberdade para fazê-lo.

Não vou entrar no perfil sociológico do delinquente, para saber se ele é vítima ou não de um modelo social caótico. Vou reportar-me às idéias de Sartre, no fato de qualquer pessoa, inclusive o bandido, agir na contramão da ética, porque é livre para agir assim. É muito primário, num momento desses, perquirir estas razões. Que-

ro ir mais adiante e dividir questões e assertivas com os leitores. Porque o bandido mata, ou assume esse risco ao praticar uma ação danosa, todos nós sabemos. O que foge ao nosso entendimento são os porquês referentes à morte do inocente.

Em minha tese de Doutorado em Teologia Moral (apresentada em

Paris, em 2005) cujo título é "Deus é bom. Então por que existe o mal?", eu me reporto a esse sofrimento do inocente, a partir da parábola bíblica do pobre Jó, passando pelo terremoto de Lisboa, em 1755, pelos extermínios nos campos do nazismo,

culminando com o estupro seguido de morte de uma menina, na periferia de Porto Alegre. Em todos esses eventos, escutou-se o brado das pessoas, clamando "por que, meu Deus?".

O clamor que se eleva em cima do sofrimento das vítimas inocentes fica sempre sem resposta. Sabemos que o mal não vem de Deus, que não pertence à sua vontade a ocorrência do sofrimento e das penas. O mal, desde as teorias teodiceias de Santo Agostinho († 430) e de G. W. Leibniz († 1716) é definido como



uma "ausência do bem".

No decorrer da história do mundo, os atos maléficos e maldosos têm sido atribuídos não a Deus, mas à liberdade humana mal direcionada. Aí entra a questão do "livre arbítrio". No que se refere ao sofrimento do inocente, as causas são mais profundas, e apontam para forças tenebrosas que, pelo duro golpe nas famílias e na sociedade, visam um desequilíbrio e fomentar um sentimento de revolta e descrença capaz de fazer vacilar os mais fortes.

Em minha tese de doutorado, cujo tema foi "Deus é bom. Então porque existe o mal?" eu me debru-

ço sobre este assunto, afirmando que o mal subsiste no mundo por conta da liberdade humana e pela ação das potestades malignas que induzem a esse tipo de comportamento. Deus não evita o mal, mas dá meios de proteção a quem clama por ele.

O fato é que o mal não é criação de Deus. O ser humano também não é o inventor do mal, mas comete o pecado sob a inspiração do mal que se encontra nas estruturas. No mal que existe desde o princípio está a fonte de todo o desajuste.

** Antônio Mesquita Galvão é Doutor em Teologia Moral*

UTILIDADE PÚBLICA

AVC

Muitas vezes, os sintomas de um derrame (AVC) são difíceis de identificar. A vítima do derrame pode sofrer severa consequência cerebral se não for socorrida em no máximo três horas. Qualquer pessoa pode reconhecer um derrame fazendo à vítima estas simples perguntas:

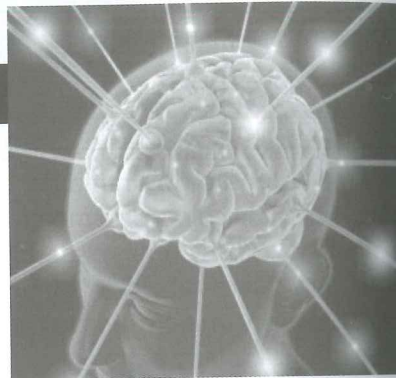
Peça-lhe que **SORRIA**.

Peça-lhe que **FALE** e diga uma frase simples, com coerência (ex : Hoje o dia está ensolarado).

Peça-lhe que levante **AMBOS OS BRAÇOS**.

Peça-lhe ainda que ponha a **LÍNGUA** para fora.

Se ele ou ela têm algum problema em realizar qualquer destas tarefas, ou se a língua estiver torcida e sair por um lado ou por outro, chame a emergência imediatamente e descreva os sintomas, ou leve-a rápido ao hospital.



Não fique tão SÉRIO

Um rapaz parou para abastecer à beira da estrada e ouviu do frentista: "O senhor é a última pessoa que vai pagar o preço antigo. De agora em diante, aqueles que chegarem vão pagar o preço novo". Feliz da vida, o sujeito fala: "Que legal! Então, encha o tanque, por favor". Curioso, o homem pergunta ao frentista segundos depois: "Meu camarada, me diga uma coisa... Para quanto vai subir o combustível? É a primeira vez que tenho sorte com essas mudanças de preços". O trabalhador sorri timidamente e responde: "Não vai subir, doutor...Vai baixar 20%!".

Uma mulher liga desesperada para o namorado. "Amor, tenho uma notícia boa e uma ruim para lhe dar". O rapaz, inquieto, diz: "Querida, estou no meio de uma reunião importantíssima. Tenho pouco tempo. Pode me falar só a notícia boa..." A moça puxa o ar e diz; "O airbag do seu carro está funcionando direitinho".

Um grupo de amigas marca encontro para um bate - papo informal. Vivi pede a palavra e diz; "Gente, graças a mim, o meu marido ficou milionário!". Uma delas estranha e pergunta: "Ué...Quando vocês se casaram, ele já não era milionário?". Vivi toma um gole de suco e responde; "Claro que não! Quando nos casamos, ele era bilionário".



Num hospital psiquiátrico, dois loucos conversavam com plantas quando, de repente, o doutor chega surpreso: "Mas o que vocês estão fazendo?". Um deles responde: "Estamos contando nossos problemas para as plantas. Ajuda muito e elas sempre nos dão boas dicas. O senhor deveria experimentar". O médico decide mostrar a eles que plantas não falam e começa a conversar com uma árvore. "Viu só, gente? A minha árvore não fala nada. Essa história de planta falante não existe." Os dois loucos começam a rir e dizem: "Mas é claro, doutor, Você foi tentar falar justamente com a mudinha".

Um casal estava dormindo profundamente, como bebês. De repente, lá pelas 3h, escutam ruídos fora do quarto. A mulher se sobressalta e, totalmente espantada, diz para o homem: "Aaaaaaiiiiiii, deve ser o meu marido!" O cara se levanta espantadíssimo e pula como pode pela janela, caindo em cima de uma planta com espinhos. Em poucos segundos, volta indignado e diz: "Desgraçada...seu marido sou eu!"

Fim de tarde, o genro chega em casa bem humorado e, mais uma vez, encontra a sogra lá. Como quem não quer nada, chega perto da velha e pronuncia uma frase surpreendente: "Querida sogrinha, sabe que eu gostaria muito que você fosse uma estrela?" Ela fica toda contente! Não cabe em si de felicidade e responde: "Quanta gentileza, meu genro! Por que motivo você fala isso?" E ele: "Porque a estrela, mais próxima está a milhões e milhões de quilômetros da Terra!"

Rezemos por Susan Bolton

Migrações: problema de hoje e de sempre

Maria Clara Lucchetti Bingemer *

ADITAL
Uma mulher branca, de rosto sério e cabelos compridos, fez ... com que migrantes de muitas procedências, mas, sobretudo, latinos, comemorassem alegremente o que consideraram uma vitória pelo menos parcial. A juíza Susan Bolton, do estado do Arizona, nos Estados Unidos, bloqueou as partes mais polêmicas da lei de imigração do estado.

Tradicional reduto republicano, o estado do Arizona recebe e tem como residentes grande quantidade de migrantes latinos. A lei que pretendia endurecer a política de imigração do estado incluía seções que requeriam dos policiais a verificação do status de imigração de qualquer pessoa que houvesse sido abordada ou fosse suspeita de outro crime. Além disso, exigia que os migrantes portassem seus documentos a todo o momento. Tornava ainda ilegal todo pedido de emprego de trabalhadores indocumentados em locais públicos.



A polícia já ultimava os preparativos para dar início a aplicação da lei enquanto os opositores - entre eles vários representantes das igrejas cristãs e muito especialmente da Igreja Católica - planejavam manifestações de protesto. O veredicto de Susan Bolton, bloqueando e suspendendo as seções mais duras da lei, deu nova injeção de esperança aos mais de 450 mil de migrantes latinos residentes no Arizona.

A juíza -democrata e nomeada por Bill Clinton- declarou que tais partes da lei deveriam ser suspensas até que os processos terminassem seus trâmites na justiça. É provável que a governadora do estado, republicana, recorra e que a lei vá parar na Corte Suprema. A suspensão das partes polêmicas da lei, colocando-a por assim dizer em quarentena e vista como vitória do governo democrata do presidente Obama, que neste momento sofre

fortes pressões para endurecer a política migratória do país.

Passam dos três milhões os latinos migrantes nos Estados Unidos e o Arizona e uma das portas de entrada por eles mais utilizadas. Reféns dos "coyotes" que lhes tomam o dinheiro duramente economizado em seu país, muitos migrantes encontraram a morte no deserto do Arizona junto com suas famílias na aventura rumo à busca de um trabalho digno e uma vida melhor.

Alguns conseguem estabelecer-se; outros, apenas trocam de serviço, permanecendo na ilegalidade, não conseguindo seus papéis, fazendo serviços subalternos e mal pagos e, muitas vezes, sendo deportados após anos de permanência no país que já consideravam seu, onde constituíram família e deixaram os melhores anos de suas vidas.

A situação dos migrantes hoje coloca a humanidade diante da impressionante realidade de que a escravidão que antes era forçada e cativa agora é voluntária. Homens e mulheres deixam sua terra e tudo que tem para procurar condições mais dignas de vida. Nessa procura, os espera muitas vezes a ilegalidade que se prolonga; a clandestinidade, da qual não conseguem libertar-se. Não poucas vezes essa situação é punida com violência, perseguição, prisão, deportação. Se tal violência

passar a ser legal e puder ser exercida de forma dura com o respaldo da nova lei do Arizona, e toda uma parte da humanidade que ajudou e ajuda a construir o país e fazer dele a primeira potência mundial que sofrera.

A juíza Susan Bolton, respeitada e com bom conhecimento da lei, pressentiu o perigo e bloqueou suas partes mais intolerantes até que a Suprema Corte se pronuncie. A Conferência dos Bispos católicos se pronunciou contra a lei e apoiando a juíza. Do lado de fora do tribunal, migrantes de várias nacionalidades, inclusive brasileiros, comemoraram. Mas os "mariachis" mexicanos ainda vão permanecer calados por algum tempo. E longa a trajetória até uma vitória consistente.

Rezemos por Susan Bolton. E por aqueles em cujas mãos repousará a sorte dos hispânicos do Arizona. O que está em jogo é muito mais que uma lei. É a vida de vários milhares de seres humanos que desejam apenas trabalhar e viver em paz. É a dignidade de homens e mulheres que buscam o exílio de seu país e sua cultura a fim de oferecer um futuro melhor a seus filhos e não merecem ser tratados como criminosos.

* Teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio

Superar as crises

Geni Fiorezze Dariva *

Um garotinho de 4 anos de idade, curioso, grudou o nariz no vidro da vitrine de uma doceria. Permaneceu naquela posição até que, finalmente, sua mãe o chamou:

- Toninho, ande logo, estou com pressa! Decida de uma vez em que quer gastar seu dinheiro e vamos embora!

- Mas, mamãe, eu só tenho uns trocados para gastar!

Assim como Toninho tinha apenas uns trocados para gastar, tanto você quanto eu, temos apenas uma vida para gastar. É preciso saber como gastar a nossa vida para que valha a pena. E se a gente gastar o tempo da vida com coisas sem importância? E se a gente gastar o tempo da vida sem fazer o bem ao próximo bem próximo que é nosso companheiro(a)?... Que são nossos filhos? Que pena!

Muitas de nossas crises de motivação, de auto-estima, de aceitação das condições de nossa vida são

apenas respostas de situações mal resolvidas. Situações essas que não



soubemos administrar e agora culpamos quem convive conosco (e que nós amamos) de serem os responsáveis por nossas crises, nossas angústias, nossas desmotivações.

Uma vida equilibrada só tem respostas agradáveis, respostas simpáticas, respostas bondosas...

Mas e por que tantos casais não se tratam mais com afeto? Por que não vivem mais o carinho e o bom trato? Por que esqueceram o romance? Por quê?

Então, por que não aproveitar as crises para refletir sobre a vida, sobre as necessidades também dos outros, sobre como poderíamos ajudar outras pessoas ao invés de ficar remoendo nossos problemas?

Mas é preciso não abafar nossos problemas. É preciso, sim, conversar sobre eles com tranquilidade e com respeito tanto quem fala sobre o problema quanto o que escuta. Poderá ser que o que escuta o problema não dê tanta importância para

ele. No entanto, é necessário que o que escuta se coloque no lugar de quem fala e avalie com tanto interesse quanto o que fala quer que lhe seja dado.

Por outro lado, o companheiro que ouve não tem de pôr panos quentes em cima da ferida, mas tem, sim, de pôr um bálsamo de ânimo e de motivação, sem menosprezar o que o outro disse. Parece ser simples este exercício de diálogo, porém é preciso paciência e muito carinho para auxiliar a pessoa que comunicou seu problema. Que belo exercício de companheirismo esse de ouvir as queixas do outro e ajudá-lo a sair de sua crise.

Não se quer dizer com isso que, na hora da crise, a gente tem de abafá-la e partir para outra situação. Isto quer dizer que é olhando para os lados ou para trás que a gente vê que não somos os únicos e, então, tomaremos outra motivação e iremos em frente com mais ânimo. Nunca, porém, pondo a poeira por debaixo do tapete, mas resolvendo nossas crises com tranquilidade e, por que não dizer, com oração e com Deus presente em nossa vida.

Quando mesmo inicia uma crise de relacionamento entre as pessoas que sempre se amaram e ainda se amam? Ou quando mesmo uma crise acontece?

Se quisermos responder estas questões, certamente vamos observar que uma crise acontece pela razão simples de que foram deixadas de lado as motivações interiores. Se quisermos observar atentamente a razão por que surge uma crise, basta observar as motivações que fundamentam a nossa confiança e/ou que geram a nossa desconfiança, revelando a nossa maneira de tratar as pessoas com quem nos relacionamos. É neste momento que surgem as crises, pois as respostas que pretendemos não nos são alcançadas e, então, desculpamos a nós mesmos, dizendo que não entendemos mais nada, que os valores não são mais os que tínhamos, que as pessoas mudaram, que os outros nos ofendem, que não somos respeitados, enfim ...quantos quês queremos eles se nos apresentam.

Mas... por que tantos casais vivem tão distantes um do outro?

Não seria mais humano se os cônjuges vivessem mais o afeto e o carinho? Não seria esse o caminho natural de duas pessoas que iniciaram uma vida a dois porque se amavam? E, hoje, o que é mesmo que os está separando?

Queridos casais! Quando não se tem resposta ou não se entende mais a razão das crises, deixemos o afeto tomar conta de nós e retomemos o caminho do bom relacionamento.

Nossos desequilíbrios têm de ser resolvidos, mas com carinho, pois quem não os teve na vida? É preciso, pois, buscar um caminho para resolver a crise do relacionamento. Caso isto não se fizer, nenhum empreendimento, nenhuma instituição, nenhuma convivência, nada na vida terá bom êxito. Tudo se fundamenta no bom relacionamento entre as pessoas que convivem e que vivem os mesmos objetivos.

Como seria fácil viver como casal, como família, como instituição, como empreendimento se as pessoas tivessem um bom relacionamento. Porém, é preciso entender que um bom relacionamento não se faz apenas com normas e com o desempenho de cada um em sua função. Acima de tudo, um bom relacionamento se faz com o respeito aos limites e à condição de pessoa dotada de qualidades, mas de limitações também. Não é assim que os seres vivos (animais) fazem na natureza? A primeira atitude

de de cada pássaro, mesmo da mesma espécie, de cada animal é a demarcação do seu território. E por que o homem, que se diz dotado de inteligência, não segue esta lei natural? Foi preciso estabelecer normas, decretos, leis e códigos para frear o comportamento humano, mesmo assim, existem desmandos que geram as crises que maltratam o ser humano.

A resposta a todas estas situações é uma só: "Quem ama, supera as crises!" A pessoa que ama tem o sentido de viver e o sentido de ser. As ansiedades, as angústias, os sofrimentos - se existirem - são como que alavancas não como tropeços. O amor é um sentimento de bem-querer que faz a pessoa superar as suas crises porque a sua meta é muito mais sublime do que as dificuldades que se apresentam.

Entende-se, por isso, que as pessoas que se amam também podem ter suas crises.

É evidente, pois, antes destas pessoas se encontrarem, viveram e conviveram com outras situações, com outras pessoas que, por certo, nem sempre foram tão equilibradas a ponto de poderem só promover o bem e a alegria. Por outro lado, as pessoas que se amam são diferentes e é nessa diferença que se constrói o amor. Contudo, para se construir algo, é preciso lutar e, nesta luta, surgem as crises que, se bem administradas, servirão de apoio para a vida que agora estão a viver.

Então, diante das diferenças no relacionamento entre as pessoas quer sejam no casamento, quer na família, quer em empreendimentos diversos, o sentimento de respeito, de compreensão, de confiança e de bom relacionamento fazem destas diferenças o resultado que se quer

obter. Não é sábia a natureza que une os diferentes e não os iguais? Vejam os animais e o homem, se quiserem multiplicar a espécie, somente o conseguirão se forem de sexos diferentes. Então, isto não pode servir de lição para o bom relacionamento entre as pessoas nos empreendimentos? Contudo, parece que as diferenças só geram crises e que as crises não impulsionam para respostas positivas...

Está na hora de começarmos a viver melhor o nosso relacionamento, conhecer nossos limites, reconhecer e vivenciar nossas diferenças se quisermos obter resultados que nos façam viver e viver com prazer.

**Geni Fiorezze Dariva é Coordenadora do MFC no Estado do Rio Grande do Sul. Extraído do livro Cuide do Amanhã*

"Para quem tem uma boa posição social, falar de comida é coisa chata. É compreensível: eles já comeram".

Bertold Brecht.

Para refletir:

De uma pesquisa feita por profissionais de educação e psicologia com um grupo de crianças de 4 a 8 anos do Colégio Jesuítas/JF.

"Amor é quando alguém o magoa, e você, mesmo muito magoado, não grita pra ele, porque sabe que isso fere seus sentimentos", (Menino de 6 anos)

"Quando minha avó pegou artrite, ela

O Que é o Amor?

não podia se debruçar para pintar as unhas dos dedos do pé. Meu avô, desde então, pinta as unhas para ela, mesmo quando ele tem artrite". (Menina de 8 anos)

"Amor é quando uma menina coloca perfume e o menino coloca loção pós-barba, e eles saem juntos e se cheiram".

(Menino de 5 anos)

"Eu sei que minha irmã mais velha me ama, porque ela me dá todas as suas roupas velhas e tem que sair para comprar outras", (Menina de 4 anos)

"Amor é como uma velhinha e um velhinho que ainda são muito amigos, mesmo conhecendo-se há muito tempo". (Menino de 6 anos)

"Quando alguém o ama, a forma de falar seu nome é diferente", (Menino de 4 anos)

"Amor é quando você sai para comer e oferece suas batatinhas fritas, sem esperar que a outra pessoa lhe ofereça as batatinhas dela", (Menina de 6 anos)

"Amor é o que está com a gente no natal, quando você para de abrir os presentes e o escuta" (Menina de 5 anos)

"Se você quer aprender a amar melhor, você deve começar com um amigo que você não gosta". (Menina de 6 anos)

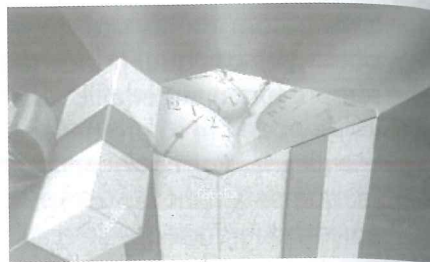
Tempo de presente

Rosely Sayão*

Já começou a temporada de consumo do fim de ano. Os meios de comunicação informam as novidades em eletrodomésticos e eletrônicos que serão transformados em objetos de desejo e anunciam ofertas "imperdíveis" e prazos de pagamento tentadores para uma diversidade enorme de produtos.

Nesse período, quase todo mundo passa a pensar no que gostaria de ganhar ou comprar para finalizar o ano com satisfação. A frase "eu mereço" passou a ser a máxima que nos guia nessa onda de comprar, ter, querer ter. Incrível como o merecimento passou a ser usado para justificar a posse de bens, não é verdade?

As crianças costumam ser as grandes vítimas do consumo exagerado. Não são elas que querem ter mais e mais, já que os adultos entraram nes-



sa parada pra valer, mas são elas que estão mais sujeitas ao imperativo do ter, já que ainda não conseguem avaliar criticamente as demandas nelas introduzidas.

Perguntei a algumas delas, com idades entre seis e dez anos, qual o último presente que ganharam. A maioria não soube responder. Algumas citaram vários brinquedos e eletrônicos, outras se esforçaram para lembrar, muitas ficaram na dúvida ou não se importaram com a resposta a dar porque qualquer uma valia.

Esse fato me fez pensar que a noção original de presente perdeu totalmente o valor para grande par-

te das crianças de classe média. Elas ganham tantas coisas sem motivo que passaram a considerar o presente algo trivial. Quase uma obrigação dos adultos para com elas. O que não pensamos ao dar tantos "presentes" às crianças é que, assim, lhes negamos o objetivo primordial do mimo, que é provocar a surpresa, a expectativa e a alegria de recebê-los.

Perguntei às mesmas crianças o que elas já tinham e o que ainda não tinham em matéria de brinquedos e aparelhos - seus novos objetos lúdicos. Muito mais fácil para elas foi listar o que queriam ter do que nomear o que já tinham e que gostavam de usar. Mais uma vez, é possível interpretar que a quantidade enorme de objetos que ganham não permite que elas desfrutem do uso deles.

Não é simples, para os pais, remar contra a maré do consumismo dos filhos, já que estes sabem argumentar quando querem algo: basta

dizer que quase todos os colegas já têm o que pedem. E os pais, sem perceber que se trata de pura competição, atendem aos pedidos dos filhos porque creem que isso coloca seus rebentos dentro do grupo. Não é verdade.

Para os pais que querem realizar o esforço, é bom saber que, pelo mundo todo, há movimentos sociais organizados contra a publicidade infantil para refrear o consumismo na infância, já que está comprovado que isso não faz bem ao desenvolvimento das crianças.

Por isso, caro leitor, antes de sair para comprar presentes para os filhos nesse fim de ano, lembre-se que seu tempo usado no convívio com eles é mais precioso que o dinheiro gasto para comprar coisas que eles pensam querer.

Transcrito do Caderno

Equilíbrio da Folha de São Paulo.

Rosely Sayão é psicóloga e autora de "Como educar meu filho" (Publifolha).

Para refletir:

Quando você fala para alguém algo ruim sobre você mesmo e sente medo que essa pessoa não o ame por causa disso, aí você se surpreende, porque não só continua amando-o, mas agora o ama mais ainda". (Menina de 7 anos)

"Há dois tipos de amor, o nosso amor e o amor de Deus, mas o amor de Deus junta os dois". (Menina de 4 anos)

O Que é o Amor?

"Amor é quando mamãe vê o papai suado e mal cheiroso e ainda fala que ele é mais bonito que o Robert Redford". (Menina de 8 anos)

"Durante minha apresentação de piano, eu vi meu pai na plateia me acenando e sorrindo. Era a única pessoa fazendo isso e eu não sentia medo". (Menina de 8 anos)

"Amor é quando você fala para um garoto que linda camisa ele está vestindo e ele a veste todo dia". (Menina de 7 anos)

"Não deveríamos dizer eu te amo a não ser quando realmente o sintamos. E se sentimos, então deveríamos dizê-lo muitas vezes. As pessoas esquecem de dizê-lo". (Menina de 8 anos)

"Amor é se abraçar, amor é se beijar, amor é dizer não". (Menina de 8 anos)

"Amor é quando seu cachorro lambe sua cara, mesmo depois que você deixa ele sozinho o dia inteiro". (Menina de 4 anos)

"Quando você ama alguém, seus olhos sobem e descem e pequenas estrelas saem de você". (Menina de 7 anos)

"Deus poderia ter dito palavras mágicas para que os pregos caíssem do crucifixo, mas ele não disse. Isso é amor". (Menino de 5 anos) - Colégio dos Jesuítas - Juiz de Fora



A família de José e Maria

Helio e Selma Amorim *

O anúncio a Maria, jovem e virgem, de que conceberia o filho de Deus, por vontade e intervenção do Pai, anúncio feito antes de ela se casar com José, quer significar a natureza divina do filho, para que todos viessem a compreender esse fato extraordinário de um Deus assumir a condição humana, nascendo de uma mulher do povo. Não se trata de uma exaltação à virgindade, entendida imperfeitamente ao longo dos séculos como um valor inerente à santidade e perfeição da natureza humana.

Uma Igreja influenciada pela cultura em que se expandiu e desenvolveu ao longo dos tempos, tornou-se cada vez mais masculina e tardiamente impôs o celibato aos seus ministros ordenados, esquecida de que o primeiro papa, escolhido por Jesus, era casado. A mulher foi mantida excluída do espaço eclesial pensante e doutrinador ao longo de sua história. A sua virgindade vai sendo valorizada por uma visão machista da sociedade e da Igreja que a convida à vida monacal celibatária como opção maior para a santidade.

Assim, ficava incômodo para a Igreja aceitar a idéia de que Maria não permanecesse virgem por toda a vida. Mas os escritos bíblicos afirmavam o contrário. Interpretações caprichosas surgem e se tenta interpretar "irmãos" como "primos" ou "parentes", o que não se sustenta. Isabel, por exemplo, é identificada ora como parenta, ora como prima de Maria, nunca como irmã. Lucas relata o nascimento de Jesus como o primogênito de Maria: primogênito, ou seja, primeiro filho, não unigênito, filho único. (Lc 2, 6-7).

A família de Jesus, de acordo com a cultura do seu tempo, seria certamente vista com estranheza se Maria não concebesse uma prole numerosa, como as demais mulheres casadas.

Pensamos que é tempo de descomplicar-se a fé cristã, revendo-se velhas concepções de frágil fundamento e descartando-se alguns adornos desnecessários que se foram acrescentando ao longo da história, por influências culturais nos espaços e tempos em que se desenvolveu.

Será estimulante saber que Maria foi mãe como todas as mães, e que a sua família, a Sagrada Família, foi como a nossa, casal e filhos - naturalmente muito mais virtuosa pois nossas limitações e debilidades

são demasiado robustas. Só assim pode ser exemplo para todas as famílias cristãs.

Helio e Selma Amorim são Membros do Movimento Familiar Cristão

O significado do Natal

Onde vamos
com tanta pressa?

Há uma correria generalizada ...
Alimentos e bebidas são armazenados ...

E os presentes, então?

São tantos a providenciar ... Percebo, também,
luzes enfeitando vitrines, ruas, casas, árvores ...
Mas confesso que vejo pouco brilho nos olhares ...

Poucos sorrisos afáveis, pouca paciência para
uma conversa fraternal. ... É bonito ver luzes, cores,
fatura ... Mas seria tão belo ver sorrisos francos ... Apertos
de mãos demorados ... Abraços de ternura ... Mais gratidão
Mais carinho Mais compaixão ... Talvez você nunca tenha
notado que há pessoas que oferecem presentes por mero interesse ...
Que há abraços frios e calculistas ... Que familiares se odeiam,
sem a mínima disposição para a reconciliação. O Natal não é apenas
uma data festiva, é um modo de viver. Natal é a expressão da caridade ...

E quem vive sem caridade desconhece o encanto do mar que
incessantemente acaricia a praia, num vai-e-vem constante ... Natal é
fraternidade ... E a vida sem fraternidade é como um rio sem leito,
uma noite sem luar, uma criança sem sorriso, uma estrela sem luz. Mas o
Natal também é união ... E a vida sem união é como um barco rachado, um
pássaro de asas quebradas, um navegante perdido no oceano sem fim.
E, finalmente, o Natal é pura expressão do amor ... E a vida sem amor é
desabilitada para a paz, porque em sua intimidade não sopra a brisa suave do
amanhecer, nem se percebe o cenário multicolorido do crepúsculo. Viver sem a
paz é como navegar sem bússola em noite escura ... É desconhecer os
caminhos que enaltecem a alma e dão sentido à vida.

Enfim, a vida sem amor ...

Bem, a vida sem amor
é mera ilusão.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONDOR SUDESTE

MÓDULO Nº. 15

TEMA: COMPROMISSO COM O MFC

Comprometimento é algo muito sério. Quando deixa de existir, principalmente em um movimento como o nosso, perde-se a identidade, o objetivo e a motivação)

Caros amigos do Movimento Familiar Cristão, neste módulo vamos refletir sobre um tema que é muito discutido entre os mefeciastas, e quase sempre é motivo de "dor de cabeça" entre às Coordenações: O COMPROMISSO COM O MFC.

Pretendemos abordar este tema de forma "light" e tranquila, pois sabemos que estaremos colocando o dedo em "feridas"; mas é necessário termos a coragem de discutir sobre um assunto, que, tanto incomoda e impede o MFC de se tornar um Movimento ainda mais atuante e comprometido com o seu tempo.

Estaremos, para isso, utilizando duas linguagens: a primeira em forma de texto, muito interessante, que demonstra como somos importantes e necessários para o MFC; a segunda em forma de dinâmica, que tem como objetivo fazer aflorar tudo o quanto pensamos e achamos sobre o MFC e acabamos sepultando para nós.

Seria interessante que o texto da primeira parte, todos os presentes tivessem uma cópia; a segunda parte ficaria com o animador da reunião.

(Este trabalho pode ser utilizado reunindo somente a Equipe-base, ou todas Equipes em um dia de formação).

O X DO COMPROMISSO

(O texto abaixo demonstra como cada um tem a sua importância, na realização de um objetivo)

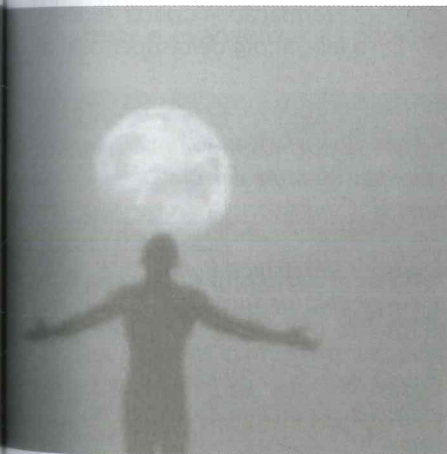
Apxsar dx minha máquina dx xscrxvrx srx dx um modxlo antigo, funciona bxm com cxção dx uma txcla. Há 42 txclas qux funcionam bxm, mxnos uma x isso faz uma grandx difrxnça.

Às vxzxs mx parxcx qux mxu grupo x' como a minha máquina dx xscrxvrx. Qux nxm todos os mxmbros xstão dxsmpxnando suas funções como dxvxriam.

Vocx dirá: "Afimal sou apxnas uma pxça sxm xxprxssão x sxm dú-vida não farxi difrxnça ao grupo". Xntrxtanto, uma organização para podxr progrxdir xficixntxmxntx prxcisa da participação ativa x consxcutiva dx todos os sxus componxntxs. Na próxima vxz qux vocx pxnsar qux não prxcisam dx vocx, lxmbxr-sx da minha vxlha máquina dx xscrxvrx x diga a si próprio:

* Xu sou a pxça mais importantx do grupo x os mxus sxerviços, x minha participação com mxu xnvolvixnto são muito nxcxssários.

O defeito foi sanado. O texto da mensagem, agora é claro e positivo. Sinta a diferença de uma "simples peça". Identifique-se, integre-se, trabalhe em prol do Movimento Familiar Cristão através de sua Equipe-base.



Agora Você não pode mais dizer que não sabia.....

VOCÊ É O X DO COMPROMISSO.

DINÂMICA: AS LARANJAS

OBJETIVO: Auxiliar a reflexão sobre o COMPROMISSO com o MFC

MATERIAL: Cinco(05) laranjas, uma faca.

DESENVOLVIMENTO:

*O animador organiza uma pequena encenação com o seguinte conteúdo:

- a) A primeira pessoa recebe uma laranja, observa-a e guarda;
- b) A segunda começa a descascá-la e pára;
- c) A terceira descasca a laranja e a chupa sozinha;
- d) A quarta descasca-a e reparte com os que estão mais próximos dela;
- e) A quinta descasca-a, vai ao encontro das pessoas mais distantes e reparte a laranja com elas.

*Momento de partilha: "Em que esta dinâmica pode nos ajudar a entender melhor a nossa participação no MFC, e nosso grau de compromisso?"

(Deixar os presentes falarem ao máximo. "Provocar" para que toda situação seja explorada, partindo dos presentes)

* **CONCLUSÃO:** O animador explica(caso não foi colocado pelos presentes) o significado desta dinâmica para o MFC da seguinte forma:

- A primeira pessoa pode significar aquelas que se acomodam, aquelas que se mantêm indiferentes, aquelas que não se motivam, aquelas que não estão afim de fazerem o MFC crescer.

- A segunda pessoa pode significar aquelas que desistem quando aparecem as primeiras dificuldades, aquelas pessoas que não buscam superar os obstáculos, aquelas que só fazem críticas.

- A terceira pessoa pode significar as pessoas que trabalham egoisticamente, pensando somente em si, ou somente em sua Equipe-base, pode significar ainda aquelas pessoas que só buscam no MFC a sua promoção pessoal.

- A quarta pessoa pode significar as pessoas que se colocam a

serviço do próximo, na família, na escola, na Igreja.

- A quinta pessoa pode significar aquelas pessoas que querem um MFC mais ousado e partem para trabalhar em outros lugares, onde a necessidade é maior: trabalhos comunitários, envolvimento em Ongs, participação política, etc.

O animador pode e deve aproveitar, de acordo com sua realidade, explorar ao máximo as situações vividas pelo MFC em sua cidade, e que nesta dinâmica não estão sendo apresentadas.

Encerramento: Pode-se encerrar com uma música apropriada, ou realizar um ato de reconhecimento de "falhas", onde cada participante, espontaneamente, faria seu "pedido de perdão".

Tania e Tiquinho(Secretaria de formação – Condir sudeste)
a.feliciano@deltasuper.com.br

"A sabedoria não nos é dada. É preciso descobri-la por nós mesmos, depois de uma viagem que ninguém nos pode poupar ou fazer por nós."

Marcel Proust

"O homem sábio é aquele que não se entristece com as coisas que não tem, mas rejubila-se com as que tem."

Epiteto

"Diante da sabedoria infinita vale mais um pouco de estudo da humanidade e de um ato de humanidade do que toda ciência do mundo."

Santa Teresa

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONDIR SUDESTE

MÓDULO Nº 16

TEMA: GENTILEZA: SER GENTIL NÃO CUSTA NADA!

Embora rara nos dias de hoje, essa virtude tem o potencial de transformar relacionamentos e melhorar o convívio entre as pessoas. Com certeza fará bem ao nosso movimento

Caros amigos do Movimento Familiar Cristão, o décimo módulo, tem como objetivo nos levar a uma reflexão sobre um tema muito interessante, que, atualmente, no mundo competitivo em que vivemos, onde o ter é muito mais valorizado que o ser, foi ficando esquecido e raramente é vivenciada; porém quando colocada em prática, tem o poder de transformar pessoas e relacionamentos. É uma atitude que deveria ser uma prática rotineira, mais que uma virtude, dentro de um Movimento como nosso, que tem como objetivo formar e evangelizar as pessoas.

A inspiração deste tema veio após a leitura do livro: "O PODER DA GENTILEZA" de Rosana Braga, editora Minuano.

A arte da gentileza anda tão fora de moda nos dias de hoje que é vista pelas pessoas como um ato com segundas intenções, em geral negativas. Quem é tratado com gentileza,



za, geralmente, fica com receio do que terá que pagar ou dar em troca depois de aceitarem a cordialidade, como se uma atitude gentil fosse uma mercadoria, ou uma prestação de serviços.

De tão rara, a gentileza parece mais atributo em extinção, tanto que é necessária uma lei específica para que idosos, gestantes e deficientes físicos tenham assentos assegurados no transporte público, ou atendimento preferencial em filas bancárias ou situações do gênero. Atitude inimaginável tempos atrás, quando tudo isso era feito de forma espontânea e natural.

MAS ONDE FOI PARAR A GENTILEZA?

(Vamos parar um pouco para descobrir onde foi parar a gentileza. Cada um pode manifestar suas impressões, antes de continuarmos a leitura do texto).

Na verdade ela se perdeu em meio à correria da vida moderna, que acabou desencadeando uma certa onda de insensibilidade nos relacionamentos; isto é, perdeu-se o valor da consideração, o valor do ser humano, o bom senso e o cavalheirismo. Vivemos no tempo dos sem tempo e já se tornou comum agirmos de forma apressada e automatizada.

Vivemos pressionados por idéias equivocadas, que nos levam a querer sempre mais, a cumprir prazos sem nos respeitarmos e a atingir metas que muitas vezes não fazem parte do que verdadeiramente acreditamos, vamos tornando-nos mais e mais insensíveis. Assim convivemos, a todo momento, com situações onde notamos as pessoas mais duras, menos sensíveis e menos cordiais. Muitas vezes, pessoas com bom grau de instrução, por falta de sensibilidade demonstram-se brutos no sentido de humanismo.

O Movimento Familiar Cristão, descobrindo o valor e o poder da

gentileza, pode incluir em suas ações, atitudes que possibilitem quebrar essa corrente e resgatar a prática da gentileza, que demanda muita atenção, cuidado e grandeza de alma.

A prática da gentileza deve começar por nós, fazendo a terapia do espelho. Por falar nisso, você ofereceu hoje o assento ao idoso no ônibus lotado, cedeu o primeiro lugar na fila à gestante, deu passagem para aquele motorista que precisava mudar de pista para entrar numa rua transversal, ofereceu-se para ajudar aquele deficiente a atravessar a rua, cumprimentou o zelador do prédio, deu atenção à faxineira em seu trabalho, cumprimentou o vizinho que está aniversariando, beijou os de sua família?

QUAL TEM SIDO A NOSSA CONTRIBUIÇÃO PARA QUE ESSA VIRTUDE NÃO DESA- PAREÇA DO MAPA?

(Aproveitar este momento para que todos da Equipe se manifestem).

Seu esforço ainda é tímido, não se preocupe, busque a superação, não perca a fé e o objetivo de transformar seus conceitos em relação à gentileza, pois, esta virtude abre portas, muda o rumo dos conflitos, facilita negociações, transforma hu-

mores, melhora as relações, enfim, só traz vantagens e benefícios, tanto na vida de quem é cortês quanto na de quem recebe a cortesia. É importante descobrir e estar ciente que, a cordialidade é muito mais do que boa educação ou simples regra de etiqueta. Também não se trata de um método rudimentar de tomada-dá-cá, ou seja, transformá-la em moeda de troca.

Gentileza tem um pouco de renúncia e muito a ver com generosidade e gratidão. Ser gentil é algo que passa a fazer parte do seu jeito de ser e viver. É ela que permeia todas as virtudes próprias da convivência, como cordialidade, afabilidade, acolhimento, perdão e respeito ao próximo.

VAMOS RECICLAR (É DANDO QUE SE RECEBE)

Praticada por uns, esquecida por muitos, a gentileza é uma virtude que pode transformar seu dia e o rumo dos relacionamentos. Tempos atrás, nenhuma dona de casa passava apuros com a falta de açúcar, por exemplo, no preparo de uma receita. A vizinha, com toda a gentileza, cedia o ingrediente que faltava. Frente à correria da vida moderna, não são poucos aqueles que desconhecem até quem mora na casa ou no apartamento ao lado. Parece incrível, apesar de todo avanço tecnológico, as pessoas estão cada

vez mais isoladas e distantes umas das outras. Mesmo assim é possível resgatar a prática dessa virtude. Um Movimento como o nosso pode ser um forte disseminador desta prática.

O QUE É NECESSÁRIO?

O primeiro passo é ser espontâneo e natural, não esperando nada em troca, já que a verdadeira gentileza é completamente desinteressada. Levar um copo de suco ao companheiro que está trabalhando num projeto trancado no escritório é mais do que um ato de gentileza. É fortalecer os laços afetivos. No ambiente de trabalho, por exemplo, a cordialidade pode ser praticada de numerosas formas, sem exigir muito de você. Vai tomar um café? Que tal perguntar se alguém quer uma xícara? Isto de forma nenhuma irá diminuí-lo, muito pelo contrário, podem até não comentar, mas irão considerar sua atitude como uma gentileza.

É DE PEQUENO QUE SE APRENDE

Seu filho só será uma pessoa gentil se aprender essa lição dentro de casa e for estimulado a exercer a cordialidade em suas relações. Portanto, incentive-o a visitar o amigo do colégio que faltou à aula porque estava doente, por exemplo. São pequenas ações que podem fazer a diferença no futuro.

DICAS PARA FACILITAR A PRÁTICA DA GENTILEZA

1. EXERCITE A COMPAIXÃO

Tente se colocar no lugar do outro. Isso ajuda a atender melhor as pessoas e seu modo de pensar e agir. Você não gostaria, por exemplo, que alguma boa alma prestasse socorro caso seu carro fique sem combustível no meio da estrada?

2. APRENDA A ESCUTAR

Ouvir é muito importante para solucionar qualquer problema ou desavença.

3. PRATIQUE A ARTE DA PACIÊNCIA

Evite julgamentos e ações precipitadas.

4. PEÇA DESCULPAS

Isso pode prevenir a violência e salvar relacionamentos.

5. ADMINISTRE AS DIFERENÇAS

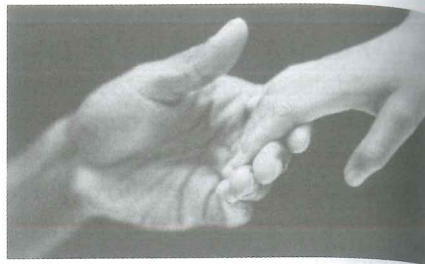
Respeite as pessoas quando elas pensarem e agirem de modo diferente de você. As diferenças são riquezas para todos.

6. SEJA SOLIDÁRIO E COMPANHEIRO

Demonstre interesse pelo outro, por seus sentimentos e por sua realidade de vida.

7. ANÁLISE A SITUAÇÃO

Alcançar soluções pacíficas depende da capacidade de descobrir a razão do problema.



8. FAÇA JUSTIÇA

Esforce-se para compreender as diferenças e não para ganhar, como se as eventuais desavenças fossem jogos ou guerras.

9. MUDE O FOCO

A gentileza nos mostra que o conflito pode ter resultados positivos e ainda tornar a convivência mais íntima e confiável.

* COMO A GENTILEZA PODE CONTRIBUIR PARA O CRESCIMENTO DO MFC?

* QUE EXEMPLOS CONHEÇO, DE PESSOAS, OU DE SITUAÇÕES GENTIS QUE PRESENCIEI?

* NO AMBIENTE FAMILIAR VALORIZO E ME PREOCUPO EM VIVENCIAR A GENTILEZA?

* EM NOSSA EQUIPE BASE, A GENTILEZA É PRATICADA?

* QUE GESTO CONCRETO NOSSA EQUIPE BASE PODE ASSUMIR PARA SE EDUCAR NESTA VIRTUDE?

Tania e Tiquinho (Secretaria de
formação – Condir sudeste)
a.feliciano@deltasuper.com.br

IMPORTANTE

AVISO AOS ASSINANTES

- 1 – Para a renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** um dos envelopes de depósito ou o boleto bancário que lhe for encaminhado.
- 2 – Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR** pelo telefax (32) 3218-4239 ou pelo E-mail **livraria.mfc@gmail.com**
- 3 – Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
- 4 – O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago juntamente com os envelopes bancários e/ou boleto para renovação.
- 5 – Temos o máximo de interesse em continuar a mantê-lo como nosso assinante.